



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Ciências da Informação
Curso de Museologia

Zenildo Alves de Sousa Júnior

**RESERVA VISITÁVEL E RESERVA VISÍVEL como propostas de acesso para
o público pesquisador**

Brasília, DF
Julho, 2016

ZENILDO ALVES DE SOUSA JUNIOR

**RESERVA VISITÁVEL E RESERVA VISÍVEL como propostas de acesso para o
público pesquisador**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Marijara Queiroz

Brasília, DF
Julho, 2016

SSO725 SOUSA , ZENILDO ALVES DE SOUSA
r JUNIOR
RESERVA VISITÁVEL E RESERVA
VISÍVEL como propostas de acesso para o
público pesquisador / ZENILDO ALVES DE
SOUSA JUNIOR SOUSA JUNIOR; orientador
Marijara Queiroz. -- Brasília, 2016. 71 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -
Universidade de Brasília, 2016.

1. Reserva Visitável. 2. Reserva Visível. 3.
Reserva Técnica. I. Queiroz, Marijara, orient. II.
Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Reserva Visitável e Reserva Visível como propostas de acesso ao público pesquisador.

Aluno: Zenildo Alves de Sousa Junior

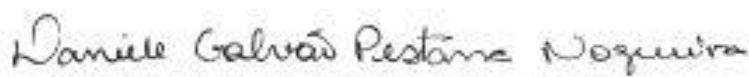
Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:

Orientadora:


Marijara Souza Queiroz – Orientador
Professor da Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em Artes Visuais - UFBA


Daniele Galvão Pestana Nogueira – Membro
Museóloga (TCU)
Mestre em Ciência da Informação - UnB


Silmara Küster de Paula Carvalho – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em Tecnologia e Desenvolvimento - UTP

Brasília-DF, 04 de julho de 2016.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Dorinha, que tem sido um pilar na minha família e pela estrutura e apoio todos esse anos. Ao meu irmão, Thiago, que é uma inspiração nos estudos, mostrando que o melhor caminho é estudar sempre, e pelo suporte nesse trabalho, além de ser um grande amigo. E ao meu pai.

Ao Max que tem me apoiado, obrigado pelo apoio nos momentos de estresse sem motivo, e nos momentos com todos os motivos, obrigado por tudo.

À professora Marijara Queiroz que teve grande participação na elaboração do trabalho de conclusão de curso de arquitetura na Universidade Paulista, e agora como minha orientadora nesse trabalho do curso de Museologia. Obrigado pelo suporte e conselhos.

Aos professores do curso de museologia pelo aprendizado. À professora Elizângela Carrijo pelas aulas enriquecedoras e pelo compromisso em ensinar.

Aos meus amigos que me acompanham por anos e aos novos que fiz ao longo da graduação, acredito que levarei muitas amizades pela vida, sou grato a Deus pelos amigos e amigas que fiz nesse curso. Um agradecimento especial aos amigos que me apoiaram em momentos que precisei me ausentar das aulas por problemas de saúde, em especial ao Jamenson, Pollyana Marra, Thaís Bianca e Thaís Tibery.

A minha equipe de trabalho que facilitou meu processo de pesquisa, especialmente a Juliana Kneipp.

À Juarez Fonseca, museólogo do Museu Histórico Nacional que me proporcionou uma ótima pesquisa, abrindo as portas da reserva do museu, foi extremamente solícito e esclareceu meus questionamentos.

À Renata Carvalhaes do Museu Dom João VI pelas contribuições antes da visita técnica a reserva, através do seu trabalho publicado que utilizei como referência e durante a visita técnica que foi muito esclarecedora.

À Jesus pela força e vida. E a vida pelas muitas oportunidades e aprendizado a ter a cada dia uma vida mais leve e ao mesmo tempo compromissada.

RESUMO

Este trabalho tem como tema Reserva Visitável e Reserva Visível como propostas de acesso para o público pesquisador, com o objetivo de compreender quais são os procedimentos que devem ser adotados em uma RT, para possibilitar o acesso do público pesquisador ao acervo sem comprometer seu estado de conservação, garantindo assim os padrões básicos de preservação e conservação preventiva do acervos. Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico que conceitua reserva visitável e visível, bem como seu histórico, acesso do público as reservas, vantagens, desvantagens e desafios. Em seguida foi realizado um estudo de caso na reserva técnica do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e do Museu Dom João VI.

Palavras-chave: Reservas técnicas; Reserva Visitável; Reserva Visível.

ABSTRACT

The main objective of this work is to acquire a comprehensible understanding of the main conditions that an Visible Storage must fulfil in order to make provide public access to collections without harming its integrity ensuring basic standards of preservation and preventive conservation of collections ensuring basic standards of preservation and preventive conservation of collections. First we study the evolution of the concepts “Visitable Storage” and ‘Visible Storage” of over the past decades as well as its advantages and disadvantages when dealing with the process of transforming a collection into a visitable one. Then we conduct a case study at visible storage from Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro and at the Museu Dom João VI.

Keywords: Visible Storage; Visitable Storage; Storage Room.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPOTECA DA RT DE ACERVO DE PAPEL E MEDALHÍSTICA	
	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
FIGURA 2: ARQUIVO DESLIZANTE.	39
FIGURA 3: MOLDURAS.	39
FIGURA 4: ESCULTURAS ARMAZENADAS EM ARMÁRIOS.	40
FIGURA 5: PINACOTECA COM PINTURAS NAS PAREDES E TRINEIS.	40
FIGURA 6: ESCULTURAS ARMAZENADAS EM ARMÁRIOS FECHADOS.	40
FIGURA 7: COLEÇÃO FERREIRA DAS NEVES.	41
FIGURA 9: INFORMAÇÕES TÉCNICAS DA OBRA CONTIDAS NO MANUAL DE CONSULTA DO ACERVO DE PINTURAS.	44
FIGURA 10: ATELIÊ DE MEDALHÍSTICA	44
FIGURA 11: VISTA DO CORREDOR PRINCIPAL, NA PARTE POSTERIOR DO MUSEU.	45
FIGURA 12: RESERVA TÉCNICA DE LIVROS RAROS.	45
FIGURA 13: RESERVA TÉCNICA DE ESCULTURAS, COM MOLDAGENS EM GESSO NAS PAREDES.	45
FIGURA 14: COLEÇÃO FERREIRA DAS NEVES EM ARMÁRIOS FECHADOS, SEM A POSSIBILIDADE DE VERIFICAR VISUALMENTE O NÚMERO DE REGISTRO DOS OBJETOS.	46
FIGURA 15: PINACOTECA.	46
FIGURA 16: RT 1 DO LADO DIREITO E RT 2 DO LADO ESQUERDO.	53
FIGURA 17: VISUALIZAÇÃO DO ACERVO A PARTIR DO EXTERIOR, COM O LEVANTAMENTO MOMENTÂNEO DAS PERSIANAS.	54
FIGURA 18: FOTOGRAFIA PRÓXIMA AO VIDRO, MOSTRANDO O AMBIENTE INTERNO, E OS ARMÁRIOS ADAPTADOS COM VIDRO NA LATERAL.	54
FIGURA 19	55
FIGURA 20: TRINEL SUSPENSO.	56
FIGURA 21: ROLOS PARA ARMAZENAR TÊXTEIS DE GRANDE DIMENSÃO.	57
FIGURA 22: PRATELEIRAS E MAPOTECAS.	57
FIGURA 23: SALA DE ARMARIAS.	60
FIGURA 24: OBJETOS COM GRANDES DIMENSÕES.	60
FIGURA 26: INDUMENTÁRIAS IDENTIFICADAS COM FOTOGRAFIAS NA CAPA PROTETORA.	61
FIGURA 27: VITRINES PARA ARMAZENAMENTO E EXPOSIÇÃO.	61
FIGURA 28: VISTA INTERNA DA PRATELEIRA, COM TERMÔMETRO E HIGRÔMETRO.	63

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – Reservas Técnicas.....	16
1.1 - Histórico	16
1.2 - Acesso público a reserva técnica	20
1.3 - Tipologias de RT	23
1.4 - Reserva visitável.....	24
1.5 - Reserva visível.....	26
1.6 - Vantagens e desvantagens da reserva técnica visitável e visível.....	27
1.7 - Aplicação dos procedimentos e técnicas utilizadas na RT para exposições	29
1.8 - Conservação na reserva	32
CAPÍTULO 2 – ESTUDO DE CASO DO MUSEU DOM JOAO VI.....	35
2.1 - HISTÓRICO.....	35
2.2 – Reserva Visitável	36
2.3 - Tipologia da coleção	37
2.4 - Armazenamento das obras	38
2.5 - Organização espacial e expografia	41
2.6 - Conservação preventiva	46
2.7 - Condições de acesso	47
2.8 – Desafios	49
CAPÍTULO 3 – ESTUDO DE CASO NO MUSEU HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO	50
3.1 - Histórico	50
3.2 – Reserva visitável, visível ou tradicional?	51
3.3 - Tipologia da coleção	55
3.4 - Armazenamento das obras	55
3.5 - Organização espacial e expografia	57
3.6 - Conservação preventiva	61
3.7 - Condições de acesso	63
3.8 - Desafios.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
BIBLIOGRAFIA	68

1- INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Reserva Visitável e Reserva Visível como propostas de acesso para o público pesquisador” foi baseada no trabalho realizado na matéria Museologia e Preservação II e na matéria Estágio Supervisionado II, tendo como supervisora de estágio a professora Marijara Queiroz. O estágio supervisionado foi realizado no acervo da Faculdade Dulcina de Moraes da Fundação Brasileira de Teatro.

O projeto final realizado na disciplina Museologia e Preservação II foi o projeto para uma reserva visitável, o que proporcionou o primeiro contato com esta ideia. O tema despertou interesse e o desejo de aprofundar as pesquisas relacionadas as tipologias de reservas técnicas (RT), a importância da abertura da RT para o público pesquisador e as implicações dessa abertura, sobretudo no que se refere à preservação e conservação do acervo.

Antes de identificar definições ou caracterizações da RT é importante compreender que ela está inserida no museu, logo ela faz parte dele. O ICOM define museu como sendo:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 2010)

Mirabile (2010: 4) afirma que a RT é parte integrante do museu assim como os espaços expositivos, e não deve ser considerada como um espaço secundário, nem mesmo como o bastidor de um palco principal.

Camacho (2007) entende RT como:

...local, visitável ou não, onde se conservam os bens culturais incorporados no acervo quando, por vários motivos, não se encontram expostos, podendo e devendo funcionar de forma complementar, como colecções de estudo, disponíveis para, em qualquer altura, poderem figurar numa exposição. (CAMACHO, 2007, p.26)

O conceito compreendido nesse trabalho como RT ou RT Tradicional é baseado na definição de Camacho (2007: 26).

A RT é o local de abrigo das coleções pertencentes aos museus, já que não é possível expor a totalidade do seu acervo. Porém, todos os acervo têm potencial expositivo, e a sua existência permite ao museu cumprir a sua missão

de preservar o patrimônio. (AMARAL, 2011: 29) Porém é preciso ressaltar que a preservação do patrimônio não implica na guarda da coleção longe do público.

Amaral (2011: 30) considera que dentro da reserva existe uma coleção que pode estar inventariada e organizada ou não. Quando a coleção não é inventariada e organizada ela está sujeita a dificuldade de localização do acervo, bem como pode apresentar danos causados por condições de ambientes inadequados. Além disso, tal coleção deve ser ainda protegida contra danos físicos e ambientais.

Tais coleções são consideradas por Amaral (2011: 29) como zonas privadas, fechadas e totalmente oposta a área expositiva que é aberta e pública.

Para compreender o processo que leva a criação de uma RT, Gomes e Vieira (2013: 131) afirmam que inicialmente ela é concebida como um local de mero armazenamento e depois se transformada em um local que busca assegurar princípios de conservação, preservação e salvaguarda do patrimônio. Sendo que era mantido esse conceito de local inacessível ao público, pois era necessário para atender aos requisitos de conservação e guarda de bens preciosos.

Com o surgimento da intenção de democratizar o acesso à cultura, alguns museus passaram a adotar novas tipologias, dentre as quais, encontra-se a reserva visitável e a visível.

Em termos de legislação em Portugal a reserva ganhou um enquadramento jurídico através da Lei Quadro dos Museus Portugueses n° 47, de 19 de agosto de 2004, onde ficou garantido ao cidadão o acesso aos bens culturais armazenados em reservas, no levantamento bibliográfico realizado essa legislação é inovadora ao citar as reservas, abaixo o artigo 60 da referida lei:

1 — O acesso aos bens culturais guardados nas reservas e à documentação que lhe está associada constitui um princípio orientador do funcionamento do museu, especialmente nos casos relacionados com trabalhos de investigação.

2 — O acesso não é permitido, designadamente quando as condições de conservação dos bens culturais não o aconselhem ou por razões de segurança.

3 — Nos casos previstos no número anterior o museu deve, na medida do possível, facilitar o acesso à documentação sobre os bens culturais. (PORTUGUAL, 2010)

A instituição museal que possui uma reserva nos moldes tradicionais e pretende dar acesso ao seu acervo para o público, possui alternativas. Nesse trabalho são considerados dois tipos de RT que podem possibilitar o acesso para

o público pesquisador: visitável e visível.

Reserva visível é aquela que permite ao público visualizar os bens mesmo em espaço destinado à guarda e acondicionamento, mas que estão longe dos seus olhares, já que estão na reserva. (GOMES e VIEIRA, 2013: 66) Já o conceito de reserva visitável esta relacionado com o acesso do público ao acervo, que pode estar exposto através de vitrines ou não.

Thistle (1990: 207) conceitua a reserva visitável como: “...*reserva aberta*” ou uma “*Visible storage, sometimes referred to as ‘open storage’ or ‘study storage’, combines two functions that modern museology generally considers separate - storage and display.*”¹

A problemática inicial da pesquisa é confrontar a necessidade de garantir o acesso do público pesquisador à RT com a manutenção dos padrões básicos de conservação do acervo.

Após compreender os conceitos de reserva é importante considerar a importância da conservação do acervo, já que a abertura exige que certos cuidados sejam tomados pela equipe. Thistle (1990: 209) aponta que as maiores dificuldades enfrentadas nas reservas visitáveis e visíveis são os problemas que podem ser causados pela movimentação constante dos objetos, alteração na temperatura e umidade devido à presença do público, segurança e também a iluminação, já que em reservas tradicionais a iluminação ocorre por curto espaço de tempo.

A conservação preventiva do acervo é o eixo que orienta todo o planejamento e organização de uma RT, sendo assim, uma prioridade. Para garantir o acesso, acreditamos ser necessário a utilização de procedimentos técnicos para guarda e armazenamento de acervos que possibilitem a apreciação, o que requer a associação de técnicas do design e da expografia, como também do acesso à pesquisa, demandando o uso de suportes versáteis que favoreça o acesso às informações de documentação, os registros fotográficos e mesmo o manuseio de suportes para movimentação de acervo.

Logo, este Trabalho Final de Conclusão de Curso busca compreender quais são os procedimentos que devem ser adotados em uma RT, pois ela não

¹ “...reserva aberta” ou uma “reserva para consulta”, sendo uma combinação das duas funções que a museologia moderna geralmente considera separadamente, reserva e expografia. THISTLE, Paul C. **Visible storage for the small museum**. Curator: The Museum Journal, v. 33, n. 1, p. 49-62, 1990. p. 207.

deve ser um espaço restrito para a guarda do acervo, devendo atender a necessidade dos pesquisadores.

Para compreender as questões apresentadas, serão realizados dois estudos de caso, o primeiro no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e o segundo no Museu Dom João VI localizado no Rio de Janeiro.

Atualmente o Museu Dom João VI é composto por uma RT visitável com a aplicação de conceitos expográficos. Disponibilizando acesso a todo o acervo de pinturas e esculturas, além do acervo em papel (desenhos e gravuras) e o arquivo que estão armazenados em mapotecas. O usuário pode percorrer o ambiente, tendo acesso a praticamente todas as categorias do acervo, com exceção as obras e documentos em suporte de papel que precisam de solicitação e a consulta que é realizada em uma sala específica. (PEREIRA, 2008: 119)

O Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro possui uma RT que recebe pesquisadores, através de agendamento. Atualmente o museu possui 2 reservas, a RT1 com 800 metros quadrados que compreende um mezanino central, uma área para armaria, e outra área para pinacoteca. Essa reserva é destinada ao acondicionamento do acervo orgânico e inorgânico. A RT2 com 500 metros quadrados, onde é armazenado o acervo mobiliário. (LIMA, 2011: 263)

O Museu Histórico Nacional passou por um processo em 2006 que buscou tornar a RT em uma RT visitável, logo o estudo de caso foi realizado com o objetivo de compreender o processo e a aplicação da RT visitável.

O tema “Reserva Visitável e Reserva Visível: propostas de acesso para o público pesquisador”, está inserido no eixo “Preservação e Conservação de Bens Culturais”, do eixo curricular 4 do curso de museologia da Universidade de Brasília, pois o tema é voltado para o campo de preservação e segurança de bens culturais, incluindo a gestão de RT museológica.

Acreditamos que a averiguação das propostas de acesso as reservas técnicas podem contribuir para a museologia enquanto área de conhecimento, principalmente pela falta de bibliografia neste assunto. Em pesquisa realizada previamente nas bases de dados Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e na Biblioteca Digital de Monografias da Universidade de Brasília (BDM) utilizando a palavra-chave “Reserva Técnica” não foi localizada nenhuma referência.

A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico e estudo de caso exploratório, definição dada por Robert K. Yin, que não se resume a exploração de um tema, mas permite investigar e elencar elementos. (ROBERT K. YIN apud GOMES, 2008: 219) Os elementos elencados no estudo de caso permitem uma investigação para fins de comparação, possibilitando a interpretação e compreensão do tema e análise dos resultados.

Para a realização dos estudos de caso elaboramos uma carta de apresentação e posterior contato através de e-mail e telefone com os representantes das reservas técnicas do Museu Dom Joao VI e do Museu Histórico Nacional. As cartas de apresentação foram entregues no dia da realização da visita nas instituições. O cronograma foi baseado na disponibilidade das instituições. Durante os estudos de caso foram realizadas visitas técnicas com acompanhamento de profissionais das instituições.

As referências bases para essa monografia são as obras de Paul C. Thistle "*Visible Storage for the small museum*", Ana Romão, que atua em instituições museológicas desde 1998 em Portugal, Maria Fernando Gomes e Eduarda Vieira que realizaram estudos de caso nas reservas visitáveis do *Musée des Arts et Métiers* em Paris e na reserva visível do *Schaulager* na Basileia e Joana Rebordão Amaral, dentre outras complementares.

O primeiro capítulo é destinado a compreender o que é a RT, as questões relacionadas aos princípios básicos a serem seguidos em relação a conservação preventiva, como ocorre o acesso do público a esse espaço, e se ocorre a priori. Em um segundo momento serão discutidas as tipologias de reservas. Em seguida conceitua a RT visitável e visível. Com a compreensão dessas tipologias de reservas serão apresentados os procedimentos e técnicas utilizadas na RT que são utilizados nos espaços expositivos e por fim a análise das vantagens e desvantagens dos modelos citados baseados na discussão de Paul C. Thistle e Michael Ames.

O capítulo dois apresenta o estudo de caso realizado no Museu Dom João VI. Sendo este dividido em histórico do museu, tipologia da coleção, armazenamento, organização espacial e expografia. Analisando como ocorre a conservação preventiva, como ocorre o acesso e quais são os desafios.

O terceiro capítulo também é destinado ao estudo de caso, desta vez no Museu Histórico do Rio de Janeiro que possui RT, reserva visitável e reserva

visível. O estudo de caso apresentou o histórico, como ocorre a organização das reservas, a tipologia das coleções, a organização dentro do museu, o processo de conservação preventiva, o acesso e por fim os desafios enfrentados pela instituição em relação ao acervo.

Por fim nas considerações finais busca compreender como ocorre o acesso do público a RT, diante das necessidades de conservação preventiva do acervo.

Capítulo 1 – Reservas Técnicas

1.1 - Histórico

Mouseion, ou casa das musas foi a primeira denominação dada aos museus, surgiu na Grécia antiga e o termo se referia a uma mistura de templo e uma instituição de pesquisa.

O muuseion era então esse local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências. (SUANO, 1986: 11)

Durante a Idade Média o termo foi pouco utilizado, mas com o colecionismo na Europa no século XV voltou a ser utilizado. Nesse período com a exploração da América e da Ásia por parte dos europeus irrompem as grandes coleções pitorescas que deram origem aos gabinetes de curiosidade e coleções científicas. Tais coleções eram privadas, sendo que na Revolução Francesa ocorreu uma mudança com a abertura dessas coleções proporcionando o acesso público as obra.

As primeiras instituições museológicas surgiram na Europa por volta do século XVIII. (JULIÃO, 2006) Já no Brasil, o primeiro museu foi o Museu Real criado em 1818, atualmente o Museu Nacional.

“Na segunda metade do oitocentos, foram criados os museus do Exército (1864), da Marinha (1868), o Paranaense (1876), do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894) destacando-se, nesse cenário. Dois museus etnográficos: o Paraense Emílio Goeldi, constituído em 1866, por iniciativa de uma instituição privada, transferido para o Estado em 1871 e reinaugurado em 1891, e o Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, surgido em 1894” (JULIÃO, 2006, p.19)

Somente em 1922 é inaugurado o Museu Histórico Nacional que segundo Reina Abreu (apud JULIÃO, 2006: 20) rompeu com o caráter enciclopédico e evocou um modelo de representação da nacionalidade, segundo Julião, foi criado para educar o povo, trazendo fatos, personagens do passado, buscando a coesão e progresso da nação.

Por volta dos anos 60 os museus ingleses começaram a abrir as portas para o público participar como autor das exposições, essa tipologia de museu ficou conhecida posteriormente como ecomuseu que tinha a vantagem de contribuir na preservação dos costumes e tradições de determinadas comunidades locais.

Peter Van Mensch afirma que os ecomuseus, juntamente com os museus integrais, os museus comunitários e museus de vizinhança são frutos de

experimentações da Nova Museologia (PETER VAN MENSCH apud CÂNDIDO, 2003: 34)

Segundo Gonçalves (2007: 89) Nova Museologia é um movimento que busca colocar em questão o papel social das instituições museológicas em diversos países, inclusive no Brasil. Teóricos da nova museologia afirmam que os museus devem:

...assumir a sua função eminentemente social e superar os limites de uma concepção de cultura restrita à produção e circulação de bens culturais da elite, projetando-se assim como instituições afinadas com uma sociedade democrática. O “museu tradicional” seria elitista e voltado para si mesmo, distanciado do cotidiano dos indivíduos e dos grupos que compõem as modernas sociedades. (GONÇALVES, 2007, p.89)

Na atualidade o museu é definido pelo Estatuto de Museus como:

“instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.” (LEI 11.904, 2009)

No artigo 2, inciso V da Lei 11.904 de 2009, aponta como princípio fundamental do museu a universalidade do acesso, esse conceito como fundamento deve ser seguido pelas instituições museológicas. Mas o acesso a coleção nem sempre foi público, somente durante a Revolução Francesa que ocorreu abertura dos museus para o público, deixando de ser privado e passa a ser um bem público.

A RT faz parte do museu desde sua concepção, ela deve ser compreendida como integrante do mesmo, não devendo ser visualizada como uma sub sessão aquém da instituição museológica.

Gomes e Vieira (2007: 5) consideram que “*as reserva museológica constituem um polo nevrálgico do museu*”. Ou seja, ponto de grande importância para a instituição museológica enquanto parte de um conjunto que forma o museu.

Atualmente a reserva ainda vista pelas instituições museológicas como um local de depósito de objetos que não são utilizados. Onde estas não estavam sendo submetidos a investigação científica, e não eram disponibilizadas para o público em exposições. Isso mostra que em tais instituições o conceito de RT não estava presente. (FRONER, 2008: 3).

Considerar a RT como parte integrante do museu é fundamental para criação de estratégias que permitam o acesso as coleções, estendo a esse espaço a compreensão do alcance dos visitantes do museu ao acervo até então inacessível.

Froner (2008: 3) também esclarece que a reserva não deve ser considerada como um complemento de laboratório ou depósito de matérias expográficas. Devendo ser entendida como:

... um dos itens prioritários na política de conservação e difusão da informação de um museu. É um espaço que tem a função primordial de armazenagem de todo o acervo não exposto, com os devidos cuidados especiais para a sua conservação e segurança, independentemente de sua categoria e tipo de material.” (LIMA, 2011 p.262)

A reserva torna se então um local de certo esquecimento, pois o objetos são armazenados e podem ficar esquecidos, aguardando restauração ou em estado de espera para ser utilizado no espaço expográfico no futuro. (BRITO, apud REIS, 2013)

... o museu, que é o lugar onde se guardam e mostram objectos, é, principalmente, um lugar de imagens. Nos modos como eles são guardados, intencionalmente apresentados ou esquecidos nas suas reservas, como são expostos, iluminados e dados a ver nas exposições, os objectos despoletam uma multiplicidade de sentidos para além daqueles que lhes são apostos a partir do saber desenvolvido no museu. (REIS, 2013, p.142)

É importante ressaltar que acreditamos que é legítima a compreensão da reserva como um local de armazenamento do acervo, mas a reserva pode ser mais do que um local de armazenamento como afirma Michael Ames:

Museus tipicamente local que guarda somente uma pequena parte dos seus pertences em exibição de cada vez, mantendo o resto dos materiais em áreas de armazenamento na reserva técnica com diferentes graus de acessibilidade. Problemas de espaço, segurança e conservação são os argumentos habituais para o acesso restrito às coleções, mas o acesso limitado torna difícil investigação para acadêmicos e, talvez, apresenta uma visão distorcida das colecções e das culturas que representam.² (AMES, 1977, p.65)

Foi nesse contexto de preocupação em exibir para o público o acervo armazenado, que emergiu nas décadas de 1960 e 1970 o modelo da reserva visitável, que surge como fruto do movimento de democratização das coleções de museu. (ROMÃO, 2012: 94)

Segundo Ames (1977: 65) a RT era considerada como uma espécie de

² AMES, Michael M. Visible storage and public documentation. **Curator: The Museum Journal**, v. 20, n. 1, p. 65-80, 1977, p.65. (Tradução do autor)

“casa do tesouro” e abrigo de coleções de “belas artes” que era necessária ser mantida distante do público.

No levantamento bibliográfico realizado nessa pesquisa, a primeira RT visitável encontrada, foi a implantada no UBC *Museum of Anthropology*, as informações aqui fornecidas foram retiradas do artigo “*Visible storage and public documentation*” do Ames. Este museu foi fundado em 1947, e tinha suas instalações junto com a biblioteca da universidade. Com a oportunidade da construção de um edifício através de doações, foi pensando na lógica de estender o acesso do público a todo o acervo.

O edifício foi construído em 1976, o acervo do Museu de Antropologia da Universidade Britânica Columbia em Vancouver no Canadá era constituído nesse período por uma coleção antropológica, possuindo acervo com coleções indígenas, esculturas, coleções recolhidas em expedições oceânicas, artigos de guerra de diversas partes do mundo.

O novo edifício que abrigou o museu possuía as seguintes divisões das galerias: três galerias com o acervo permanente considerado o mais importante; duas galerias temporárias; e duas reservas técnicas visitáveis.

Diante da decisão do museu em expor todo o acervo foi necessário a criação de documentação para os mais de doze mil objetos expostos, o que representou um desafio, Ames relata que foi uma preocupação da instituição em informar o público o que estava sendo exposto.

O armazenamento da reserva visitável possuía o que o autor considera um problema, “...*O nosso sistema de armazenamento visível tem um grave problema: possui um design excessivo; parece muito bom, muito parecido com uma exposição é bom demais para ser uma reserva.*”³ Essa característica levou parte do público a não compreender que aquele espaço era uma reserva técnica, tanto que questionavam o motivo de tantos objetos duplicados.

É importante salientar que o acervo estava disponível para todo o público, não somente para a comunidade acadêmica. O museu oferecia um amplo sistema de documentação para consulta. O autor que era diretor do museu avalia como positiva a abertura da reserva visitável, pelo fato da democratização da educação.

³ AMES, Michael M. Visible storage and public documentation. **Curator: The Museum Journal**, v. 20, n. 1, p. 65-80, 1977, p.76.(Tradução do autor)

1.2 - Acesso público a reserva técnica

Tradicionalmente o acesso a RT ainda é limitado, mas atualmente instituições museológicas têm permitido o ingresso do público, sendo que alguns museus tem sofrido pressões com o objetivo de permitir o acesso para observação e estudo dos objetos com algumas restrições. (RICHOUX, SEROTA-BRADEN, DEMYTTENAERE, 1980: 199)

O acesso a bens culturais fora do contexto expositivo tem cada vez mais importância para o público e para investigadores e estudantes exteriores ao museu. As reservas podem assim, de acordo com as possibilidades e os objectivos da instituição, apresentar vários modelos: podem ser reservas que permitem o acolhimento de acções de formação e investigação, podem ser reservas onde é possível ao público observar o trabalho de bastidores do museu, podem ser reservas livremente visitáveis, ou podem ser reservas onde decorrem outras acções de mediação e comunicação do museu. (AMARAL, 2011, p.77)

Thistle (1990) relata que a abertura da reserva passou a ser muito importante, sendo parte de um movimento de democratização das coleções⁴ onde o público se torna o verdadeiro proprietário das coleções, assim obtendo acesso total a todos os recursos do museu.

A abertura permite a democratização, possibilita aproximação aos bens culturais que não estão expostos e que geralmente tem acesso restrito aos profissionais do museu.

O acesso pode ser uma forma de estabelecer comunicação com os mais diversos públicos das instituições, trazendo novas formas de satisfazer e surpreender seus visitantes divulgando e sensibilizando em relação ao acervo que esta armazenado na RT. (ROMÃO, 2012: 99)

Para compreensão do conceito de “acesso” abordado nesse trabalho e definido como *“acesso físico às coleções por visitantes ou usuários que não incluem os funcionários do museu”*⁵ (KEENE, 2008: 10)

Lord (2007: 27) afirma que o museu é um dos poucos lugares remanescentes em que é possível ver face a face objetos difíceis de se encontrar, tal característica torna o museu um local especial. É mesmo com a utilização da tecnologia que permite visualizar em telas de computadores todo o acervo, ela

⁴ O movimento de democratização da coleção do museu citado por Thistle foi um dos ideais que o modelo de reserva visitável se baseou nas décadas de 1960 e 1970.

⁵ KEENE, Suzanne; STEVENSON, Alice; MONTI, Francesca. Collections for people: museums' stored collections as a public resource. 2008, p. 10. (Tradução do autor)

não transmite as nuances, escala textura, características individuais e a presença do objeto.

Se o público quer acesso ao acervo, então é lógico que museu deve fornecer acesso a boa parte do acervo. Na verdade, por que não criar investigação visual de tudo ou quase tudo que o museu possui? O método de exposição atualmente que pode ser utilizados são chamadas de salas de estudo, reserva aberta ou reserva visitável, existem diversos exemplos em muitos lugares. Todavia, a escala destes *vis-à-vis* ao espaço físico alocado para preparar exposições com curadoria é pequena. Neste modelo, que estou sugerindo permite uma quantidade substancial do acervo visível.⁶ (LORD, 2007, p.27)

Ana Romão (2012: 100) ao apresentar o projeto de reserva visitável da coleção de química do *Laboratório Chimico* (MCUL) mostra que o público geral tem maior interesse em relação à coleção, com destaque na identificação das tipologias e as funções dos objetos, proporcionando contato direto com os funcionários do museu. Já o público considerado especializado tem mais interesse na interação direta com os funcionários, voluntários e investigadores que atuam juntamente com as coleções. A principal indagação desse público é em relação a informações técnicas.

Richoux, Serota-Braden e Demyttenaere (1980: 202) propõe que na reserva seja estabelecido níveis de acesso dos visitantes, tal proposta busca controlar e garantir a preservação do acervo e os cuidados com a coleção. De acordo com essa proposta, o primeiro nível de acesso deveria ser composto de objetos valiosos e raros. Já os objetos de menor valor, reproduções e duplicatas seriam exposto em um nível secundário. O público geral teria admissão somente ao nível secundário e o público especializado ao acervo do nível primário.

O conceito de acesso apresentado por Richoux, Serota-Braden e Demyttenaere pode ser limitador e prefigurar uma dificuldade no controle, mas se pensando em relação à possibilidade de acesso direto ao acervo com a manipulação, tem sua função adequada, pois avalia qual o objetivo da solicitação e a partir desse padrão é qualificado para o primário ou secundário.

Para definir o nível de acesso é necessário compreender qual a tipologia de público obteria ingresso às coleções. Richoux, Serota-Braden e Demyttenaere (1980: 200) realizaram uma pesquisa em diversos museus de várias tipologias e definem uma tipologia de solicitantes para acesso as coleções dos museus nas

⁶ LORD, Barry (Ed.). **The manual of museum learning**. Rowman Altamira, 2007. p. 27. (Tradução do autor)

reservas:

- Estudiosos de pesquisa, como profissionais independentes envolvidos em trabalhos de consultoria, acadêmicos das universidades ou outros museus, cientistas industriais e pessoal do museu que realizam investigação fora do seu próprio departamento
- Estudantes de graduação e pós-graduação que realizam estudos de investigação ou trabalham em suas teses ou dissertações
- Alunos do ensino fundamental, médio e público em geral. As exposições podem estimular o seu interesse, e eles podem pedir mais acesso a objetos ou informações.
- Os usuários comerciais de coleções, como de um estilistas, arquitetos e fotógrafos e profissionais podem querer estudar o design ou estilo de objetos em coleções de museus para efeitos do seu trabalho
- Negociadores de obras e colecionadores
- Os amadores e hobbystas
- Os doadores e suas famílias, que podem querer garantir que seus pertences estão sendo cuidadas corretamente e que as restrições estipuladas estão sendo cumpridas
- Os membros de grupos culturais, especialmente os nativos americanos, que podem querer ver objetos relacionadas com o seu patrimônio ⁷(RICHOUX; SEROTA-BRADEN; DEMYTTENAERE, 1980 p.199-200)

O resultado dessa pesquisa mostra que a tipologia de público que solicita ingresso na reserva refere-se ao caso dos Estados Unidos, logo sua aplicação no Brasil seria inapropriada, porém a definição apresentada ajuda no entendimento do público a ser considerado como pesquisador.

A RT possui a possibilidade de captação de público especializado, criando um ambiente de formação avançada. (ELVAS, 2011: 106) Consideramos nesse trabalho o público pesquisador aquele que solicita ou realiza visita espontânea a RT com o objetivo de estudo e pesquisa do acervo. Não limitando o termo a alunos de nível médio, graduação, mestre, doutores, jornalistas, entre outros, o público pesquisador aqui considerado é o que pesquisa.

Martins (apud. GONÇALVES, 2013: 6) ao realizar estudo na Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, constatou que a RT visitável e frequentada em sua maioria por grupo de estudantes, investigadores e interessados nas coleções museológicas.

Foi adotado nesse trabalho o entendimento que a reserva deve ser um espaço aberto e não limitado para o acesso, sendo considerado acesso ao público pesquisador, sem distinguir categorias de quem pesquisa. Cabendo a RT definir a forma de ingresso no espaço, as modalidades de admissão e níveis de acesso.

⁷ RICHOUX, Jeanette A.; SEROTA-BRADEN, Jill; DEMYTTENAERE, Nancy. A policy for collections access. **Care of Collections**, 1980, p. 199-200. (Tradução do autor)

O acesso ao acervo é classificado como direto e indireto. No direto é facultada ao público a possibilidade de tocar e manusear os objetos, já no indireto existe uma barreira física entre a obra e o público. (GOMES e VIEIRA, 2013: 133)

Logo é possível compreender que quando a reserva é aberta ao público ela pode ter diferentes denominações para os utilizadores do espaços, qual tipo de acesso e as modalidades para admissão. (GOMES e VIEIRA, 2013: 134)

Portanto tornar a RT um local de acesso para o “público” é baseado em um conceito de democratização da instituição museológica, sendo que deve existir algumas limitações para ingresso no local buscando a conservação e segurança do acervo.

1.3 - Tipologias de RT

As reservas podem possuir diversas tipologias de acordo com a sua utilização, Neitzel apud Dos Santos e Granato (2010) realizou uma classificação baseada em um estudo em instituições americanas definindo 3 tipologias:

...a reserva técnica visível, como um espaço de guarda de acervo onde os visitantes podem ter o acesso visual a partes da coleção permanente, incluindo os espaços das atividades técnicas e do trabalho dos técnicos; a reserva técnica de estudo, onde além do acesso visual os visitantes podem examinar e até tocar, sob supervisão, os objetos; e, a reserva técnica aberta, voltada para objetos de grandes dimensões como automóveis e grandes máquinas que, em função de seu tamanho, não ficam em vitrines. (NEITZEL apud DOS SANTOS, GRANATO, 2010, p.156)

Essa classificação é dividida em reserva técnica visível, a reserva técnica de estudo e a reserva técnica aberta. Já Gomes e Vieira (2013: 134) compreendem quatro tipologias de reserva técnica, sendo elas reserva Técnica Convencional, indicando a reserva nos moldes tradicionais, reserva visitável, reserva visível e a reserva consultável. Essa diversidade de tipologia de RT pretende reforçar o acesso do público enquanto visitantes que participam do processo interpretativo e de apreensão do conhecimento.

Lord (2007: 27) trás a classificação em reserva aberta e reserva visitável. Em Thistle (1990: 207) encontramos o entendimento da reserva Visitável pode se referir a reserva aberta ou a reserva de estudo, pois a reserva visitável agrega as duas funções que geralmente a museologia moderna considera separadamente,

compreendendo reserva e Exposição separadamente.

Reserva de consultável, sala de estudo ou sala de consulta que se refere a instituições museológicas onde as normas permitem apenas ao público especializado desenvolver investigação no acervo, sendo possível contato direto com a coleção e sua documentação, sendo inclusive possível a manipulação dos objetos. (GOMES e VIEIRA, 2013: 133)

Nesse trabalho será adotado o entendimento de Thistle em relação a reserva visitável que abrange o conceito de reserva aberta e reserva de estudo e a reserva Visível. Logo serão discutidos os dois conceitos nesse presente trabalho.

1.4 - Reserva visitável

A reserva visitável pode se constituir como uma plataforma de comunicação direta do Museu com o seu público. Estabelecendo uma relação biunívoca entre o museu e o visitante. (ROMÃO, 2012: 100)

O visitante é desafiado à descoberta da coleção e da missão institucional. Simultaneamente, o Museu é desafiado à transparência de valores e práticas, dando a conhecer os seus bastidores e em última instância caminhando no sentido evolutivo de um “museu sem paredes”. (ROMÃO, 2012, p.100)

Porém, boa parte do público não imagina que no museu exista uma RT, é inexistente uma sinalização e indicação na entrada do museu. Alguns visitantes de museus até sabem da existência da reserva, mas pensam nela como um local que não é particularmente interessante e que nele trabalham pessoas menos capacitadas. A reserva ainda é considerada como um local que por regra exclui o visitante, onde somente profissionais e pesquisadores podem ter acesso através de visitas guiadas. O público ficaria surpreso ao saber dos “tesouros” escondidos na reserva longe do alcance do público. (JAOU, 1995: 5)

A descoberta dos “tesouros” escondidos dentro da reserva pode ser utilizado como um grande atrativo para o público que não tem conhecimento da sua existência. Uma grande problemática enfrentada por algumas instituições museológicas é que, não raramente, as instituições não possuem todo acervo documentado, o que dificulta a permissão de aproximação do público.

No Canadá Slater (1995: 14) ao analisar o experimento da abertura do *Glenbow Museum* em Calgary, constatou que o público não entendia a intenção da RT visitável, já que não tinham presenciado nenhuma experiência anteriormente, tanto que a ela foi uma experiência considerada radical pelo público do museu.

Amaral (2011: 31) afirma que na atualidade alguns museus tem buscado formas de utilizar as suas coleções de maneiras diversificadas e atrativas, promovendo acessibilidade as suas coleções, sendo que a reserva visitável foi criada a partir dessa busca de democratização da coleção. A abertura para os visitantes pode ser entendida como um segundo momento permissão de entrada em um espaço museológico ainda fora de alcance do público.

De acordo o Romão (2012: 96) reserva visitável assume a função de buscar preservar o caráter histórico do acervo e reinterpreta o conceito de RT criando assim um polo dinamizador do trabalho da gestão, investigação, divulgação e conservação. Romão ainda aprofunda as funcionalidades da reserva visitável:

...dinamizar a inventariação, catalogação, conservação e investigação da coleção; captar de público especializado (investigadores, estudantes, profissionais de museus) e disponibilizar a coleção como objeto de estudo e instrumento de formação avançada em diversas áreas; diversificar a oferta museal de modo a criar novas formas de interpretar a coleção; aumentar e diversificar as atividades educativas e culturais para segmentos diversificados de públicos; aproximar o público da missão do Museu e assim captar o apoio público no reforço do trabalho institucional desenvolvido na salvaguarda e valorização do patrimônio científico, da divulgação cultural e em última instância da utilidade pública: (ROMÃO, 2012, p. 96)

Ames (1977: 78) observa que a exposição da coleção produz um efeito catalítico nos estudantes, pesquisadores e artistas, assim como no público geral, possibilitando assim uma melhor compreensão do acervo como um todo.

Para aplicação dessa tipologia é necessária a participação de pessoas de diferentes formações para tomada de decisões administrativas, programação educativa e gestão das coleções.

Também é fundamental o controle do nível de acesso, com a utilização de modelos diferentes, Hilberry apud Amaral (2012: 96) acredita que o modelo mais atraente é empregar vitrines ou contentores transparentes, o que possibilita a circulação dentro do espaço da reserva, tanto para o público externo como para os funcionários da reserva. Hillberry define dois modos de acesso a reserva, o *peek-in* e o *walk-through*. O *peek-in* é a possibilidade de observar sem o acesso

físico ao espaço (reserva visível) e o *walk-through* que:

Convida o visitante, em momentos programados, a penetrar no espaço reservado a partir da exploração orientada para a coleção e para o trabalho desenvolvido, possibilitando uma nova experiência de aproximação ao museu e ao papel desempenhado na sociedade de preservação do patrimônio. (ROMÃO, 2012, p. 96)

Aplicar o modelo visitável requer a presença de profissionais qualificados para monitorar o espaço, por questões de segurança e preservação do acervo. As visitas podem ocorrer através de agendamentos ou livre acesso durante o horário de funcionamento, podendo em alguns casos ocorrer mediante visita guiada.

É relevante compreender que para aplicação do conceito da reserva visitável é preciso estabelecer o nível de acesso do público ao acervo, qual tipo de acesso ocorrerá e buscar formas de esclarecer qual a motivação da abertura para os visitantes.

1.5 - Reserva visível

A reserva visível busca expor a coleção, criando experiências inovadoras para o público com o principal objetivo de difundir o conhecimento. (GOMES e VIEIRA, 2013: 66)

Diferente da reserva visitável a reserva visível concede ao público a possibilidade de visualizar o maior número possível do acervo, mesmo distante e com uma barreira física, o vidro.

Amaral (2011: 43) sugere que além de paredes de vidro que propiciam a observação da coleção e o trabalho realizado, seja permitida a circulação dentro da reserva, porém com corredores protegidos com vidros.

O termo reserva visível é empregue para caracterizar os projectos que permitem a visualização do espaço de reserva, no seu todo ou parcialmente, sem que haja um acesso directo ao recinto ou aos objectos armazenados. (GOMES e VIEIRA, 2013, p.66)

A reserva visível pode ser uma alternativa viável para instituições que desejam abrir suas reservas técnicas, mas que não podem permitir a circulação no ambiente da RT, por fatores referentes à conservação e falta de pessoal. Essa tipologia garante uma interação, mesmo que a distância.

Democratizar o acesso é uma das suas finalidades, levando a compreensão do espaço pelos visitantes do museu, ainda que não exista a possibilidade de

visita continua como no caso da reserva visitável, a possibilidade de vislumbrar os objetos armazenados pode ser compreendida como um despertar do interesse, atuando de forma educativa, ainda que passivamente, pois informa, esclarece e elimina barreiras que ainda separam o visitante do “tesouro” do museu.

1.6 - Vantagens e desvantagens da reserva técnica visitável e visível

Thistle (1990: 208) elenca diversos pontos que expõem as vantagens da reserva técnica visitável, baseado em seu levantamento literário e estudos de caso. O primeiro ponto apontado é o funcionamento de forma efetiva ao proporcionar ao público o acesso a sua coleção, em um ambiente comumente de ingresso restrito.

O visitante também possui níveis de possibilidades de exploração dos objetos, deixando de ser um sujeito passivo na relação de aprendizagem. Isso contribui para uma melhoria na documentação sobre o acervo, principalmente pela troca de informações que pode ocorrer continuamente entre o público e os trabalhadores da reserva.

Em pequenos museus pode ocorrer uma redução dos custos, principalmente quando comparado com o valor da manutenção do sistema expositivo na reserva é menor do que nas áreas expositivas.

Outra vantagem, é a comunicação das responsabilidades da instituição museológica que não se resume somente a expografia, criando um estreitamento dos laços entre os visitantes e o museu. Romão (2012: 100) também retrata a importância das relações que são criadas entre o público e os funcionários da reserva.

Kelly (1999: 2) aponta as vantagens da abertura das coleções para os profissionais do museu que são elas: mostrar ao público o tamanho da coleção; demonstrar ao público a natureza do museu e como eles podem contribuir para seu crescimento; diferentes formas de ensinar ao público; potencial de aumentar o número de visitantes; pode forçar nos profissionais uma melhora no armazenamento das coleções e uma relação mais efetiva ao lidar com as requisições do público. Já as desvantagens Kelly (1999: 2) apresenta os dados de Thistle (1990: 209), relacionados abaixo. A principal desvantagem desse

modelo é a preocupação com a conservação, o que será discutido adiante.

Outro problema que pode ser enfrentado é o estranhamento do público que está acostumado com o padrão expográfico e espera encontrar algo parecido com as exposições que estão disponíveis nas galerias. Thistle (1990: 210), evidencia que o isso ocorre principalmente pelo volume de objetos expostos. Outra crítica forte é que a reserva visitável inibiria pesquisas no acervo.

Os funcionários também passam a ser mais pressionados durante o trabalho, principalmente pela constante observação do acervo e apontamento de erros na documentação e problemas na conservação. E por fim critica a documentação que quando não é completa, gera falta de informação relativa a coleção.

Gomes e Vieira (2013: 135) consideram que pelo fato das reservas visitáveis serem um fenômeno recente do final do século XX, elas são elitista, pois não existe um discurso museológico construído nesse sentido, ou seja, o público é mais familiarizado com o discurso museológico presente dentro do espaço expositivo, e ao encontrar a reserva visitável, principalmente em países com déficit de educação patrimonial, o público terá um entendimento indiferente da reserva.

Em relação a reserva visível a problemática apontada é a conservação do acervo que fica exposto a iluminação por longo espaço de tempo. Porém como não possui acesso direto do público ao recinto os problemas em relação a conservação são menores.

Amaral (2011: 32) do mesmo modo que Gomes e Vieira (2013: 136) confirma que a simples abertura da reserva ao público não seria suficiente, deve existir uma verdadeira democratização da cultura, para que o público possa usufruir das coleções, já que quem define a expografia é a elite conservadora.⁸

Alguns autores defendem que a abertura das reservas ao público pode ser vista como um regresso a formas expositivas mais obsoletas, pois, uma vez que se estão a disponibilizar ao público quantidades imensas

⁸ Para compreender a o termo “elite conservadora” Cristina Bruno (2007, p. 6) esclarece que “De instituições elitistas, colonizadoras, sectárias e excludentes, os museus têm procurado os caminhos da diversidade cultural, da repatriação das referências culturais, da gestão partilhada e do respeito à diferença de forma objetiva e construtiva. De instituições paternalistas e autoritárias, os museus têm percorrido os árduos caminhos do diálogo cultural e da convivência com o outro. De instituições isoladas e esquecidas, os museus têm valorizado a atuação em redes e sistemas, procurando mostrar a sua importância para o desenvolvimento socioeconômico. De instituições devotadas exclusivamente à preservação e comunicação de objetos e coleções, os museus têm assumido a responsabilidade por ideias e problemas sociais”.

de objectos, apenas os mais informados tirarão proveito deste acesso aos bastidores do museu. (AMARAL, 2011, p.31)

Durante a implementação da reserva visitável e visível devem ser considerados os propósitos, objetivos, participação da comunidade e qual o desejo do museu em relação a imagem que deseja divulgar. Viabilizando o ingresso, suporte na área educativa e funções de pesquisa. Porém esse modelo não é adequado para suprir necessidades do público visitante turístico. (THISTLE, 1990: 213)

Diferente do que se pode imaginar a reserva visitável pode ser uma solução para RT tradicionais que possuem grande demanda de solicitação de admissão do público e possuem equipe reduzida, caso o contato com os objetos seja no nível secundário. Porém caso o acesso necessite de monitoramento, e a intenção seja explorar exhaustivamente a coleção em pesquisas e utilização dos objetos com uma equipe de funcionários reduzida, esse modelo pode não ser o mais acertado.

As experiências apresentadas por Thistle (1990) mostram que é importante a abertura das instituições museológicas como um todo. Pois, mesmo que boa parte do público não saiba da existência da reserva, a sua aproximação pode despertar o interesse.

Apesar das desvantagens relacionadas com a conservação, acesso e necessidade de monitoramento, a aplicação desse conceito traz benefícios que se sobrepõe as essas desvantagens, como a democratização do acervo, o incentivo a pesquisa e divulgação do trabalho realizado pelas instituições museológicas.

1.7 - Aplicação dos procedimentos e técnicas utilizadas na RT para exposições

Durante a concepção da reserva como visível ou visitável é fundamental considerar a definição de um sistema de designer adequado tanto para o público como para os técnicos. Logo não seria adequado inferir que a aplicação de procedimentos e técnicas expográficas seria a solução. Thistle (1990: 207) ao definir a reserva visitável constata que ela pode estar entre o conceito de reserva que armazena e espaço expositivo.

No Museu de Antropologia da Universidade Britânica Columbia, foi elaborado um sistema de classificação dos objetos, com o intuito de setorizar a reserva visitável. (AMES, 1977: 68)

Objetos de grande valor devem ser armazenados em locais específicos, visto que permite melhor visualização e monitoramento pelos profissionais. Do mesmo modo que objetos muito frágeis requerem um armazenamento específico para prevenir perdas e danos, fator crucial para manter o estado de conservação. (AMARAL, 2011: 35)

Uma boa gestão e organização da reserva permite que nenhum objecto seja negligenciado ao mesmo tempo que torna a reserva num recurso de investigação e formação. Os bastidores dos museus podem assim tornar-se centrais para o funcionamento do museu e para a sua relação com o público. (AMARAL, 2011, p.31)

O Museu Veterinário, da Universidade *Complutense* de Madri realizou projeto para conceber a reserva visível, no qual foram utilizados princípios que buscaram aproveitar o pequeno espaço disponível para sua coleção. No projeto é ressaltado o objetivo em tornar a reserva atrativa como local de exibição. O ponto inicial desse projeto foi o estudo relacionado as questões de conservação como temperatura, estabilização das condições da umidade. O critério para escolha do mobiliário foi baseada primeiramente nos padrões de conservação acima dos padrões estéticos. Considerando que os objetos mais frágeis sobre o ponto de vista da conservação obtinham monitoramento da equipe de conservação. (FERNÁNDEZ, JIMÉNEZ, GARCÍA, 2012: 149)

Thistle (1990) relata que o público tem tendência a reagir negativamente na reserva visitável pelo grande número de objetos expostos, pois tem dificuldade de compreender como a reserva é organizada. Outra dificuldade é a falta de interpretação dos objetos, diferente do que ocorre no espaço expositivo. Para tal é importante fornecer informações relacionadas ao acervo.

Com relação ao armazenamento adequado é fundamental realizar adaptações na armazenagem na RT tradicional. Por exemplo, objetos armazenados em gavetas, precisam ter reforço no forro das gavetas, como estofamento e se possível fixação dos objetos evitando assim danos pelo constante acesso do público. Instalação de um sistema nas gavetas que tornem a abertura e fechamento “amortecido”. Da mesma maneira que é preciso definir quais objetos podem ser armazenados em gavetas. (THISTLE, 1990: 210)

O custo inicial e a manutenção do espaço visitável é mais alto que na RT tradicional. Principalmente pela tendência de ocorrer o que Thistle (1990: 226) define como “*overdesign*” para alcançar maior sucesso na função da reserva.

É importante evitar o uso de móveis com grande largura horizontal, bem como gavetas verticais que são difíceis para manuseamento dos visitantes. Devendo ter corredores largos possibilitando a circulação do público e o espaço para abertura do mobiliário.

Thistle (1990: 207) ressalta que mesmo a RT visitável não é somente uma reserva, mais também uma exposição. Logo é importante esclarecer o público sobre o seu propósito, e fornecer conceitos básicos de expografia, para orientar a visita.

A organização e disposição do acervo deve levar em conta a diversidade do acervo, tipologia dos objetos, proveniência, data de origem, dimensionamentos, estado de conservação entre outros fatores que devem se adequar a cada realidade. (AMARAL, 2011: 33)

A elaboração do projeto de layout e design tem o grande desafio de ser adequado para os funcionários e visitantes. Exigindo adequar o armazenamento do acervo com princípios da expografia, com uma sequência lógica que pode ser alcançada através da disposição dos objetos de acordo com sua data de origem, materiais, tamanho entre outros aspectos.

Amaral (2011: 34) apresenta os critérios para organização do acervo que pode ser por tipologia, geralmente usado em tipologias variadas. Segundo materiais da constituição dos objetos ou técnicas de fabricação, quando possui diversos materiais no mesmo ambiente. De acordo com o local de origem pode ser utilizado para matérias que apresentam o mesmo nível de degradação. Por tamanho busca melhor gestão do acervo disponível e necessidade de manuseamento e circulação. Por valor de mercado dos objetos por motivos de segurança. Por número do inventário ou data da incorporação, que só é funcional se a coleção for homogênea. E por fim a organização por critérios de autoria, período histórico ou grupo de origem, que facilita o estudo da coleção.

Importante é manter o bom estado de conservação do acervo, buscando a aplicação de princípios expográficos, como indicação da procedência dos objetos, iluminação adequada.

As coleções são recursos de que o museu dispõe e são para ser

utilizadas. As reservas são por isso dinâmicas e devem proporcionar condições de acesso ao acervo adequadas aos objectivos do museu. (AMARAL, 2011, p.36)

A definição do modelo de organização depende do modelo da RT adotado pela instituição. As escolhas perpassam desde da tipologia da organização do acervo, a adequação do mobiliário da reserva para atender tanto aos funcionários como o público.

1.8 - Conservação na reserva

A preocupação com a conservação é o ponto mais debatido em todos os textos lidos no levantamento bibliográfico realizado. Tal preocupação é válida e é um obstáculo a ser superado na utilização do acervo que até então esta armazenado na RT, em situação de controle, com temperatura e umidade adequada, incidência de iluminação controlada, e manipulação dos objetos somente em situações programadas.

A conservação preventiva é compreendida como:

“são todas aquelas ações que tenham como objetivo evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas. Geralmente são realizadas no contexto ou na área circundante ao bem, ou mais frequentemente em um grupo de bens, seja qual for sua época ou condições, são medidas e ações indiretas que não interferem nos materiais e estruturas dos bens e não modificam a aparência do bem”. (ABRACOR, 2010)

A partir do momento que o objeto entra na reserva, essa já é a medida principal para conservação preventiva, uma vez que o local que assegura a gestão de risco potencial para os objetos, tanto na reserva, como na exposição e manuseio. (AMARAL, 2011: 9)

Thistle (1990: 209) aponta que a reserva visitável possui maior potencial para danos aos objetos, principalmente pela abertura e fechamento dos armários de armazenagem, exposição prolongada à luz, poeira, mudança de temperatura, necessidade de aumentar a segurança. O autor conclui que alguns objetos são inapropriados para sua exposição na reserva visitável.

O *Veterinary Museum, Complutense University* de Madri realizou um estudo prévio do acervo em relação a conservação, e determinou que aqueles considerados delicados, especialmente pela alta sensibilidade a luz e variação na umidade não seriam expostos, em função do risco de dano. (FERNÁNDEZ, JIMÉNEZ, GARCÍA, 2012: 150)

Ao manusear os objetos eles estão sujeitos a ações de riscos que a conservação preventiva tem por objetivo impedir. (AMARAL, 2011: 30)

Uma alternativa importante é o estabelecimento de espaços específicos para consulta dentro da reserva, podendo ser direcionada para público específico e especializado. (GOMES e VIEIRA, 2013: 136)

A funcionalidade e a acessibilidade às coleções e entre os diferentes compartimentos que compõem a reserva são determinantes, constituindo os elementos aglutinadores de todo o projecto, uma vez que era fundamental desenvolver uma análise e gestão de risco, que articulasse os conflitos de interesse que poderiam advir da abertura do espaço ao público, no qual se pretende conjugar a conservação do espólio, e a difusão do conhecimento. (GOMES e VIEIRA, 2013, p.138)

Gomes e Vieira (2013) realizaram um estudo de caso nas reservas visitáveis do *Musée des Arts et Métiers* em Paris, localizado edifício construído especificamente para o funcionamento das reserva. O projeto do espaço dispõe de planejamento logístico, e ambientes destinados a:

“embalagem, desembalagem, descontaminação, quarentena, armazenamento de materiais, ateliers de conservacao e restauro, sala de mecanica, de metais, carpintaria, estudo e laboratorio fotografico, sala de consulta, assim como dependencias administrativas” (GOMES e VIEIRA, 2013, p.140)

O caso da reserva do *Musée des Arts et Métiers* possui padrões de uma situação adequada, pois foi concebida com a proposta de ser visitável. A gestão de conservação é uma prioridade, como estratégia utilizam uma interconexão de critérios entre funcionalidade, acessibilidade, preservação, consulta e a segurança.

Em relação à iluminação que é um dos grandes desafios, pode ser amenizado com a instalação de temporizadores para diminuir a exposição a luz. Utilização de sistema de gaveta para proteger objetos sensíveis. E revezamento na exposição da coleção buscando diminuindo a exposição cumulativa. (THISTLE, 1990: 211)

Aspectos relacionados à conservação sempre serão um desafio nas intuições museológicas, tanto na RT quanto na área expositiva.

coloca as coleções em algum risco de conservação, todas as funções do museu criam um conflito fundamental entre o uso e preservação. O desafio é encontrar os compromissos mais importantes. Em alguns casos limitados, a reserva visitável pode de fato ser o melhor meio-termo. Por outro lado, o armazenamento visível nunca vai substituir o conceito das exposições didáticas. Se isso for claramente diferenciados

para o visitante, os dois formatos podem ser ideais para complementar um ao outro. (THISTLE, 1990, p.214)

A abertura da reserva significa que além do controle da temperatura e umidade que já ocorre, é primordial estabelecer padrões para monitoramento da variação desses fatores durante o período abertura e quando ela está fechada. Tal medida tem como propósito manter um ambiente sem grandes variações que possam prejudicar o acervo.

O controle de partículas e poeira no ar deve ser realizado de preferência com filtros de ar, sendo possível a instalação de sistema de controle climático que realizam a verificação automaticamente. (HILBERRY, WEINBERG, 1981: 173)

O controle do ambiente pode ser realizado através de um sistema de climatização, porém devido o valor não é compatível para algumas instituições, uma alternativa é utilizar ar condicionado, e para o controle de umidade relativa usar umidificadores e desumidificadores.

Como foi discutido nesse tópico existem diversas alternativas para manter a conservação preventiva das coleções expostas ao público em reservas. Considerando sempre como ponto mais importante a manutenção adequada do estado de conservação do acervo. Uma vez que muitos objetos não devem ser expostos a iluminação, ou variações de temperatura. No entanto esse fator não limita o acesso a coleção.

Acreditamos que limitar o ingresso à reserva não é adequado já que existem alternativas viáveis com o objetivo de possibilitar uma interação entre público e acervo sem prejudicar a conservação das coleções.

CAPITULO 2 – ESTUDO DE CASO DO MUSEU DOM JOAO VI

2.1 - HISTÓRICO

A Academia de Belas Artes foi criada em 1816, através de um ato de D. João VI, porém somente em 1826 foi aberta, como Academia Imperial de Belas Artes. O primeiro edifício ocupado foi construído pelo arquiteto Grandjean de Montigny. Em 1834 a academia se consolidou como a primeira escola oficial dedicada ao ensino da arte no Brasil. (PEREIRA, 2008: 112)

Em 1843 Feliz Emile Taunay organizou a criação da pinacoteca que inicialmente era composta pela coleção real de D. João VI entre outras obras, como gravuras e moldagens adquiridas de museus italianos e franceses para utilizarem como base no ensino de desenho e aprendizagem artística. (MALTA, 2012: 34)

Já o Prêmio de Viagem, que era um concurso em que o aluno concorria com uma obra para ganhar uma viagem para o exterior atuando em ateliê de artistas de renome na época, permitiu o acúmulo de obras, pois durante esse período era obrigatório que o aluno enviasse trabalhos desenvolvidos para o Brasil, com a finalidade de avaliação dos professores. (CARVALHAES, 2012: 15)

De acordo com Pereira (2008: 111) em 1890 a academia tornou-se a Escola Nacional de Belas Artes, e em 1908 passa a ter sede em um novo edifício projetado por Adolfo Morales de Los Rios. O novo prédio foi construído para abrigar a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal.

A Escola Nacional de Belas Artes foi então transferida para o campus da Ilha do Fundão em 1975, nessa época já fazia parte da Universidade de Federal do Rio de Janeiro. Durante essa trajetória a escola reuniu um grande acervo de obras de arte, que provinha da coleção real trazida pela corte portuguesa e de Joaquim Lebreton.

Mas o maior conjunto é oriundo da própria academia, fruto de suas diversas atividades: exercícios de alunos, “envios” dos pensionistas, cópias de obras dos mestres mais importantes da tradição européia, material didático usado nos ateliês, obras vencedoras de concursos, como o Prêmio de Viagem ao Exterior, as seleções para contratação de professores e as Exposições Gerais ou Salões. (PEREIRA, 2008, p.112)

Em 1937 a maior parte da coleção, considerada mais nobre na época, passou a fazer parte do Museu Nacional de Belas Artes, por sua vez o acervo

considerado mais didático continuou a ser utilizado nas salas de aula e ateliês. Somente em 1979 o professor Almir Paredes Cunha, resolveu reunir as obras e criou o Museu Dom João VI. (PEREIRA, 2008: 112)

A curadoria original do novo museu seguia as práticas comuns da época, elegendo as obras consideradas mais singulares para comporem as exposições e o excedente era guardado na RT. (MALTA, 2012: 36)

De acordo com Marize Malta (2012: 37) desde sua fundação o acervo dedica-se basicamente a preservação e acesso ao público universitário, desde o início o acervo museológico e arquivístico tem se tornado referência para pesquisadores da arte brasileira do século XIX e uma parte do XX. O museu possui grande vocação para pesquisa, atraindo diversos pesquisadores.

Inicialmente o museu funcionava no segundo andar do edifício cedido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, permanecendo nesse espaço de 1975 a 2008, quando o acervo já passava de 5000 objetos. Entre 1994 e 1998 em projeto patrocinado pelo CNPq todo o acervo foi catalogado sistematicamente. (CARVALHAES, 2012: 17)

2.2 – Reserva Visitável

Entre os anos de 2005 a 2011 foi realizada a higienização de todo acervo da instituição. Durante esse processo de higienização foram realizadas pesquisas e consultorias com especialistas das mais diversas áreas e nomes importantes do meio museológico para decidir pela tipologia do museu a ser adotada no novo espaço que seria ocupado no sétimo andar do edifício, que era menor que o anterior. (PEREIRA, 2011)

É possível observar com clareza a alternativa da reserva visitável como uma solução para o pequeno museu apontada por Thislitt (1990). Pois um dos pontos principais para adoção dessa tipologia foi a redução do espaço físico do museu. Além da possibilidade de diminuir os gastos com a manutenção do sistema expositivo.

Pois Pereira (2011: 119) considera que para o museu é mais importante colocar o acervo disponível para os seus usuários do que montar exposições permanentes e temporárias.

Carvalhaes (2012: 19) afirma que foi decidido eliminar a exposição permanente e abrir uma RT diante da constatação que o público predominante

era constituído de pesquisadores, professores e alunos. Foi então decidido pela abertura de uma reserva técnica visitável. Tendo como conceito norteador a disponibilização da coleção ao público, mantendo os cuidados naturais para conservação e vigilância do acervo. (PEREIRA, 2011: 120)

O estudo de caso foi realizado no dia 11 de maio de 2016, com acompanhamento da museóloga Renata Carvalhaes em parte do período da visitação. .

2.3 - Tipologia da coleção

O acervo do museu é composto por três tipologias, obras de artes visuais, arquivo e biblioteca de Obras Raras. A biblioteca é composta por cerca de quatro mil livros. O arquivo inclui dois grupos de documentos: 118 livros com registros da documentação regular da academia; e o segundo grupo com documentação avulsa sendo constituída por correspondências, certidões, declarações relativas aos professores e alunos. (PEREIRA, 2008: 152)

De acordo com Pereira (2008: 152) o acervo do museu propriamente dito possui gravuras, desenhos, desenhos arquitetônicos, pinturas, esculturas, diplomas de premiação, porcelanas, fotografias, têxteis, moveis, moedas/medalhas e vitrais. Esse acervo é dividido na Coleção Didática e a Coleção Jeronymo Ferreira das Neves. A Coleção Didática é a que possui funções didáticas ou é resultado de atividades pedagógicas.

A Coleção Jeronymo Ferreira das Neves faz parte de uma doação realizada em 1947, com pinturas, esculturas, gravuras, tecidos, móveis, indumentária, porcelana, prataria, numismática e livros raros.

Em 2013 foi incorporado ao acervo a Coleção de Arte Popular Renato Miguez. A coleção foi doada pelo professor Renato Miguez e compreende acervo de arte popular brasileira e estrangeira.⁹

Recentemente foi incorporado ao acervo a coleção de negativo de vidros que era utilizado em sala de aula. E uma coleção de indumentárias, com mais de duzentas peças. As indumentárias estão em processo de catalogação, e ficarão

⁹ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 11 de maio em visita técnica com acompanhamento da museóloga Renata Carvalhaes.

disponibilizadas em uma sala da Escola de Belas Artes, pois não tem espaço disponível. A nova coleção de indumentárias será exposta em outra sala, porém é parte do Museu Dom João VI.

2.4 - Armazenamento das obras

O acervo em papel, composto por desenhos e gravuras é armazenado em mapotecas e no arquivo deslizante. (Figura 1) Parte do arquivo é ocupada por obras em processo de documentação da coleção Renato Miguez, estão armazenadas no arquivo deslizante. (Figura 2)

As molduras em gesso em sua maioria estão dispostas nas paredes da reserva. (Figura 3) A coleção de esculturas maiores é depositado em armários abertos. (Figura 4)

Os armários utilizados são abertos, fechados e com vidros. A escolha de cada tipologia é determinada pela segurança que deve ser dedicada a cada tipo de objeto.

As pinturas estão localizadas na pinacoteca em traineis e nas paredes. (Figura 5) Por sua vez as esculturas menores e mais detalhadas são armazenadas em armários protegidos com vidro. (Figura 6)

A maior parte da coleção Ferreira das Neves fica acondicionada em armários com vidro e fechados. (Figura 7)

Figura 1: Mapoteca da RT de Acervo de Papel e Medalhística



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 2: Arquivo deslizante.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 3: Molduras.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 4: Esculturas armazenadas em armários.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 5: Pinacoteca com pinturas nas paredes e traineis.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 6: Esculturas armazenadas em armários fechados.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 7: Coleção Ferreira das Neves.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

2.5 - Organização espacial e expografia

O projeto de museografia buscou primeiramente solucionar diversos problemas que eram enfrentados desde século XIX, logo foi elaborado um circuito que buscava direcionar um melhor acondicionamento das obras diante do novo espaço disponível, que era menor do que o anterior. (MALTA, 2012: 37)

Marize Malta (2012: 38) afirma que o projeto museográfico procurou uma leitura que refere-se ao ensino artístico no Brasil. O acervo além de voltado para o ensino histórico das tradições artísticas também deve servir como um instrumento didático-pedagógico através das obras disponibilizadas para aulas que ocorrem dentro da instituição. Buscando assim destacar a sua natureza de museu universitário, tendo como público alvo os pertencentes a universidade. O projeto expográfico buscou ser:

Menos expositivo, mais investigativo. Menos exibição, mais inspiração. Com a vocação para ensino e pesquisa, as obras do museu estariam praticamente todas disponibilizadas para estudo e franqueadas ao olhar. Com a supressão da área expositiva, não haveria motivo por priorizar certos espaços ou obras. O museu se transformou em uma grande reserva técnica e todas as suas salas e circulações foram consideradas como espaço para guarda/exibição do acervo, criando um partido que denominamos de 'reserva técnica exibida', espaço capaz de guardar e exibir, preservar e mostrar, proteger e expor. Em vez de tratar esses conceitos como oposições, a opção foi de encará-los como diferenças capazes de conviverem e se sensibilizarem. (MALTA, 2012, p.38)

O museu busca trabalhar o entendimento da coleção, compreendendo a série de objetos. A organização é realizada primeiramente pelo critério artístico, e

depois pelo critério temático, organizados segundo as categorias dos vários exercícios escolares.

A expografia tem como estratégia a não utilização de legendas no acervo, usando somente número de registro das peças. Segundo Marize Malta (2012) foi tomada essa opção com o objetivo de não enquadrar ideologicamente o objeto.

A nova museografia pretendeu provocar a reflexão contínua sobre a relação entre obra, espectador, lugar e a própria escrita da história da arte, priorizando um museografia que permitisse mais inspiração e menos a exibição, um museu para ser estudado, vasculhado, repensado, revisitado e transformado a cada visita: um museu de inspiração. (MALTA, 2012, p.40)

A reserva funciona no sétimo andar do Prédio da Reitoria, dividida em dez ambientes. A recepção possui o livro de assinaturas e manuais com informações de cada peça exposta na reserva.

Os manuais fornecem informações relativas a cada objeto dentro do espaço, pois as peças não são identificadas com legendas, por ser uma RT. Mas os visitantes podem consultar ao longo da visita de acordo com a sua necessidade. São três manuais: Acervo de Pintura, Acervo de Escultura e Acervo da Coleção Ferreira das Neves.

As informações contidas nos manuais são referentes ao registro, numeração utilizada para pesquisa, o autor, título, data, técnica/material, dimensões e observações. (Figura 8 e 9)

A Museu possui uma disposição com a recepção em frente a porta e um corredor central, no corredor central possui um espaço para uma obra em destaque e ao final espaço com o Ateliê de Medalhística. (Figura 10) No lado esquerdo do corredor central está disponível a Seção Técnica, e a Seção de Pesquisa, e as RT do acervo de papel e medalhista e a RT de Livros Raros. Todas as salas do lado esquerdo possuem o acesso mediante autorização ou agendamento.

A direita estão as RT de Esculturas, da Coleção Ferreira das Neves e Pinturas, todas com acesso livre. No corredor principal ficam armazenados os mobiliários que pertenceram a Escola de Belas Artes durante o período que era localizada no centro da cidade. Os vitrais são utilizados para dividir os ambientes. A coleção de medalhística fica localizada no final do corredor. (Figura 11)

A sala de pesquisa atualmente é ocupada por parte dos vitrais, peças em processo de restauração e parte da coleção Renato Miguez. Em junho do ano presente será realizada uma exposição temporária nesse espaço.¹⁰

Na RT de Medalhística e RT Acervo de Papel são encontrados os acervos em suporte de papel com documentos históricos, arquivos do museu, e medalhística. Parte da coleção Renato Miguez que esta armazenada de forma provisória, assim como os negativos de vidro. Nessa reserva o armazenamento é realizado em arquivo deslizante e mapotecas. Por sua vez RT de Livros Raros esta sobre responsabilidade da bibliotecária Rosane. (Figura 12)

A RT de Esculturas é constituída por disposição das peças nas paredes, e outra parte em prateleiras. A numeração de cada obra é de fácil visualização nessa parte da reserva, a sala recebe incidência de iluminação natural, mas não prejudica as obras. Parte da coleção das esculturas fica armazenada em armários com vidro, por motivos de segurança do acervo.

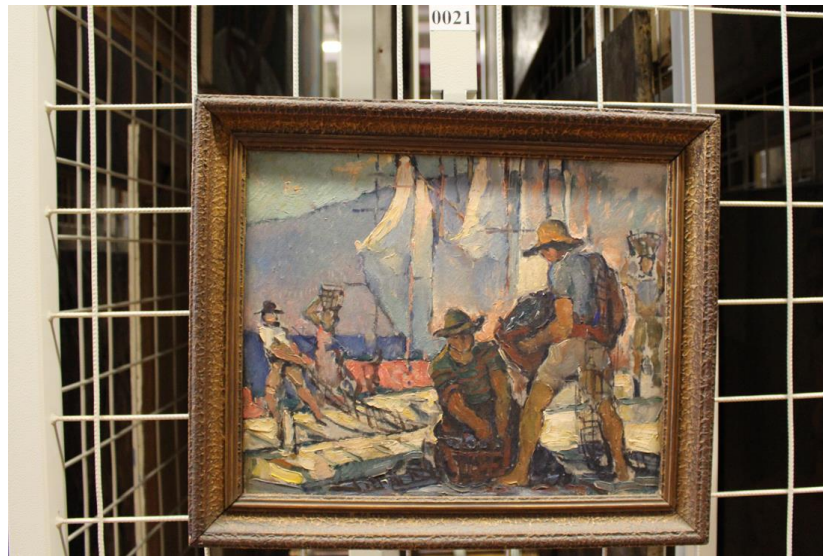
A coleção Ferreira das Neves (Figura 13) possui objetos menores, como porcelana, é armazenada em armários com vidro, pois foi avaliada a sensibilidade das peças e segurança. Parte da coleção que está em dois armários fechados devido o aguardo da restauração.

Um pequeno número de objetos depositados nos armários com vidro ficam impossibilitada de consulta nos Manuais, pois não é possível visualizar a numeração, dificultando assim a consulta de compreensão da ficha técnica de parte do acervo. (Figura 14)

Por fim na pinacoteca a disponibilização do acervo é realizada nas paredes e em traineis móveis que podem ser manipulados pelos visitantes. Todos os traineis e armários são numerados alfanumericamente. (Figura 15)

¹⁰ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 11 de maio em visita técnica com acompanhamento da museóloga Renata Carvalhaes.

Figura 8: Obra Cavalheiro de Henrique Campos



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 8: Informações técnicas das obras contidas no manual de consulta do Acervo.

Título: Cam... Data: 1851 Técnica / Material: Óleo/tela Dimensões: 113,0 x 83,5 cm - c/moldura: 139,0 x 109,0 cm Observações: Concurso - não identificado.	
Registro: 0020 Autor: ALBUQUERQUE, Georgina Moura Andrade de (1885-1962) Título: Maternidade Data: 192 Técnica / Material: Óleo/tela Dimensões: 159,5 x 139,5 cm - c/baguete: 169,0 x 142,0 cm Observações:	
Registro: 0021 Autor: CAVALEIRO, Henrique Campos (1892-1975) Título: Pesca Data: 194 Técnica / Material: Óleo/tela Dimensões: 32,1 x 40,0 cm - c/moldura: 41,6 x 50,0 cm Observações: Concurso - magistério.	
Registro: 0022 Autor: BARBOSA JÚNIOR, Bento (1866-?) Título: Busto de menino Data: 1907 Técnica / Material: Óleo/tela Dimensões: 45,5 x 32,5 cm - c/baguete: 48,0 x 35,0 cm Observações:	
Registro: 0023	

Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 9: Ateliê de Medalhística



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 10: Vista do corredor principal, na parte posterior do museu.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 11: Reserva Técnica de Livros Raros.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 12: Reserva Técnica de Esculturas, com moldagens em gesso nas paredes.



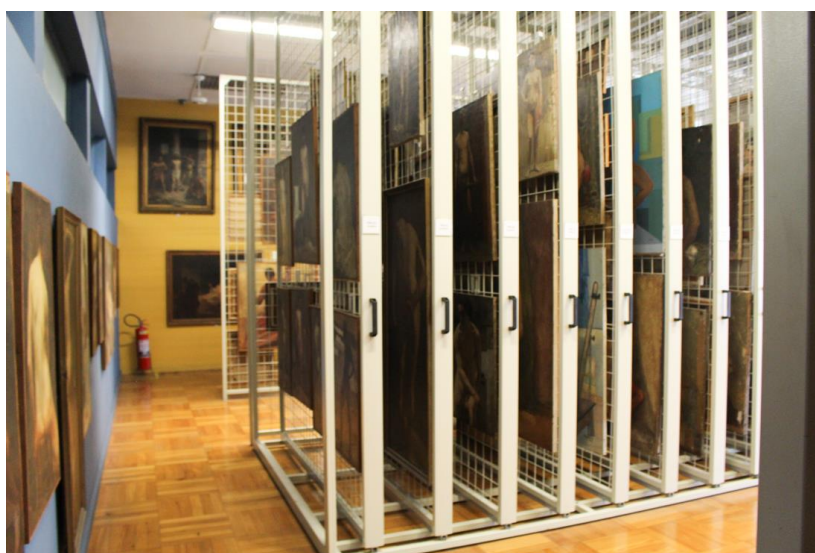
Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 13: Coleção Ferreira das Neves em armários fechados, sem a possibilidade de verificar visualmente o número de registro dos objetos.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 14: Pinacoteca.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

2.6 - Conservação preventiva

Em 2005 o museu foi contemplado com um processo de seleção pública através da Lei Rouanet, que durou dois anos, o Programa Petrobras Cultural permitiu a higienização do acervo, atualizando a base de dados, reorganizando a RT e editando um novo catálogo do museu. (PEREIRA, 2008: 156)

Em relação ao sistema de climatização, o museu conta apenas com desumidificadores e realizam o monitoramento de temperatura e umidade três vezes ao dia. O processo de higienização ocorre por coleções, é executado pela

museóloga que conta com o ajuda dos auxiliares administrativos na realização da higienização das peças maiores.¹¹

A restauradora do museu é especializada em esculturas, e atualmente não possui restaurador em pintura no corpo técnico do museu. A instituição serve como local de aulas para diversas disciplinas da universidade, logo o museu realiza parcerias com os professores que auxiliam na elaboração de laudos e até mesmo em pequenos reparos em pinturas.¹²

O museu sofre bastante incidência de iluminação natural, porém ficam protegidas tanto por uma camada de *insufilm* aplicada nos vidros além da proteção com cortinas.

E para proteger da iluminação artificial, as luzes ficam apagadas durante o dia, são acessas somente quando tem visitantes no espaço expositivo.¹³

O cuidado com a incidência solar é primordial no ambiente, pois já ocorreu a queda de uma cortina que ficou por um período sem manutenção, o que causou a perda de cor e craquelamento de uma pintura que está aguardando restauração.¹⁴

Como estratégia para conservação e segurança das coleções, peças menores, sensíveis ao contato direto, objetos que precisam de restauração e inadequados para exposição em vitrines são conservados em armários com vidros ou em armários fechados.

A RT de Acervo de Papel, RT de medalhística e RT de Livros Raros, mostram que a conservação deve ser o fator primário para o acervo, levando a instituição a criar dentro de uma RT visitável, locais que são visitados somente com monitoramento da técnica responsável, e como no caso do acervo de papel e livros raros, a manipulação quando requisitada é realizada pelas técnicas, museóloga e bibliotecária.

A consulta do acervo de papel requer a escolha previa do material a ser consultado, permitindo assim a separação previa, pois tal atividade requer cuidados e tempo para preparação do material a ser pesquisado.

2.7 - Condições de acesso

¹¹ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 11 de maio em visita técnica com acompanhamento da museóloga Renata Carvalhaes.

¹² Idem.

¹³ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 11 de maio em visita técnica com acompanhamento da museóloga Renata Carvalhaes.

¹⁴ Idem.

O museu tem como conceito norteador disponibilizar ao público o acervo (PEREIRA, 2008: 157). Baseado nesse entendimento o ingresso é livre, não requer agendamento, ou autorização prévia.

Para realização da visita acompanhada da museóloga responsável pelo museu foi necessário o agendamento por telefone, sem a necessidade do envio da carta de apresentação. Foi fundamental somente a explicação do motivação da visita.

Pereira (2012: 157) afirma que os usuários naturais da reserva são os alunos, professores e pesquisadores, mas isso não implica em uma restrição. Todavia o museu possui sua vocação voltada para o público da universidade, pelo fato de estar localizado em um edifício da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de ser um local de difícil acesso, distante do centro da cidade e fora do trecho em que ficam localizadas as principais instituições museológicas do Rio de Janeiro.

As visitas realizadas pelo público escolar do nível médio ocorre devido o fato do museu estar inserido no circuito da visita realizada a UFRJ, não sendo exclusiva para o museu.

Para consultar a coleção da RT de Livros Raros é necessário agendamento, pois nesse espaço o ingresso e a permanência durante a consulta é monitorada. Parte do acervo da biblioteca é disponibilizado digitalmente no site da instituição, mas caso o pesquisador necessite do acesso físico, pode ser solicitado.

A RT do Acervo de Papel e Medalhística também exige o agendamento, parte da coleção é disponibilizada digitalmente. A manipulação do acervo é realizada pela museóloga, logo se faz indispensável o agendamento para separação do material a ser consultado e o acompanhamento da consulta.

O acesso direto a obra, que requer manipulação ou maior proximidade com o objeto, ocorre somente com o acompanhado da técnica do museu.

A instituição disponibiliza a oportunidade de realização de aulas teóricas e práticas no museu, como por exemplo as aulas de restauro que ocorrem durante o dia inteiro, nesse caso, é realizado um acordo prévio com o professor responsável pela atividade para monitorar e controlar o contato com as obras, pois o museu não possui pessoa disponível para acompanhar durante todo o dia as atividades.

O museu atende estudiosos do Brasil e do exterior, já que o acervo é importante para compreensão da arte brasileira do séculos XIX e XX. Servindo como base de pesquisa.

2.8 – Desafios

A museóloga Renata Carvalhaes considera que o maior desafio da instituição é tornar todo museu acessível para o público portador de necessidades especiais. Além da dificuldade financeira, a técnica relata que o acesso dificultoso é um fator que impede a criação de políticas de acesso.

A segurança é citada como outro desafio, apesar da instalação de câmeras que monitoram todas as visitas, a porta do museu fica fechada com chave, sendo aberta somente após o toque da campainha.

O museu tem recebido críticas de outras instituições museológicas da própria universidade por manter a porta fechada, mas essa situação perdura pela falta de funcionário para permanecer na recepção.

O acesso ao acervo é fornecido em base digital, uma vez que parte da coleção foi digitalizada. A instituição pretende continuar o trabalho de digitalização do restante do acervo para disponibilização na internet.

Segundo a museóloga a digitalização trás além do benefício da disponibilização do acervo na internet, facilita o acesso público, diminui a necessidade de manipulação da coleção.

Carvalhaes percebe o estranhamento que ocorre nos visitantes em relação a diferença de uma RT para um museu, pois parte dos visitantes espera encontrar um museu, e ao se deparar com uma reserva ocorre o estranhamento, principalmente pela falta de legenda e a quantidade de peças expostas uma ao lado da outra, como no caso da RT de esculturas.

CAPITULO 3 – ESTUDO DE CASO NO MUSEU HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO

3.1 - Histórico

O Museu Histórico Nacional (MHN) foi criado em 1922 através do Decreto número 15.596 pelo então Presidente da República Epitácio Pessoa, o primeiro diretor nomeado foi o Dr. Gustavo Barroso. Inicialmente o museu ocupava duas salas do edifício do antigo Arsenal de Guerra da Corte. Já em 1923 o MHN passou a ocupar toda a ala do edifício, possuía cerca de dois mil objetos e quatorze mil peças numismáticas. (DUMANS, 1947: 384)

Dumans (1947: 384) afirma que a criação por parte do presidente foi somente um ato material, pois foi o Dr. Gustavo Barroso que teve a ideia da fundação do MHN para guarda e exposição de relíquias que exemplificassem fatos da história do país.

A RT do MHN planejada foi inaugurada em 4 de abril de 1984, época em que o museu era parte da Fundação Nacional Pró-Memória do Ministério da Educação e Cultura. Era dirigido por Gerado Britto Paposo da Câmara. (LIMA, 2011; 262)

O processo para aquisição de aparelhos e instalação das salas da RT do MHN em 1983, teve como responsável o engenheiro Carlos Lafayette Barcellos. Lima (2011: 263) afirma que foi a primeira reserva do país a possuir um espaço destinado à armazenagem do acervo em condições adequadas, tanto pelo ponto de vista da conservação como da segurança.

O projeto de escolha do mobiliário para armazenamento foi realizado pela equipe técnica atuante no período do projeto, que considerou a necessidade de prever expansão do acervo.¹⁵

A conclusão da obra da RT ocorreu em outubro de 1984 e passou a ser dirigida pelo museólogo Jorge Cordeiro de Melo, que ficou responsável pela reserva e sua organização até 2011. (LIMA, 2011: 263)

O primeiro local ocupado pela RT foi escolhido com base em estudos realizados que levaram em conta os aspectos climatológicos do museu e

¹⁵ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

condições ideais para conservação, como temperatura, humidade, controle de oscilações bruscas, espessura das paredes, acesso das obras do acervo, entre outros fatores. Todo o processo desde do projeto foi acompanhado por equipe técnica capacitada, o equipamento para armazenagem do acervo também foi escolhido mediante estudo criterioso buscando a conservação do acervo e acondicionamento de acordo com a composição da coleção. (LIMA, 2011: 263)

Em 1985 ocorre um processo de revitalização no MHN onde foi ampliada a RT que passou de 488 metros quadrados para 864,68 metros quadrados. E entre 2000 e 2001 foi adquirido um mezanino de 30 metros quadrados implantado dentro da reserva técnica. (LIMA, 2011: 264)

Entre 2002 e 2006 foram realizadas diversas obras para reformulação estrutural do edifício, o que inclui a RT, tendo como principal objetivo a abertura da parte central dos arcos das paredes externa que são voltadas para o pátio, que foram substituídas por vidro temperados de 10 milímetros de espessura e revestidos com película especial que reduz a entrada de raios UV. Também são protegidas por telas solares na cor prata que garantem a redução de 90% de UV, e externamente com toldos de policarbonato na cor bronze. (LIMA, 2011: 264)

3.2 – Reserva visitável, visível ou tradicional?

A visita técnica para estudo de caso foi realizada na RT do MHN nos dias 9 e 10 de maio de 2016, acompanhada pelo museólogo Juarez Fonseca Menezes Guerra, que trabalha a cerca de 35 anos. Não foi possível visitar a RT2, que abriga o mobiliário, pois está em processo de reorganização com o objetivo de otimização do espaço. (Figura 16)

Baseado na revisão bibliográfica relacionada ao MHN, Fonseca esclareceu alguns pontos básicos para compreender qual a tipologia atual da RT.

A cerca de vinte anos o espaço está aberto para o atendimento ao público, tal compreensão é validada pelo entendimento da equipe técnica que vem atuando no espaço, que acredita que a reserva deve ser considerada como um espaço de acesso a informação, devendo funcionar como um arquivo e biblioteca, ressaltadas as suas peculiaridades.¹⁶

¹⁶ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

Considerando que a reserva foi a primeira totalmente planejada no Brasil, e o entendimento por parte dos técnicos atuantes nela da importância do atendimento ao público, sempre existiu a vontade de torná-la visitável. Porém ainda não foi possível.

Até meadas de 2006 existia no ambiente da reserva um terminal de consulta informatizado, que permitia aos visitantes encontrarem rapidamente informações relacionadas aos objetos visualizados, porém com a reforma os terminais de consulta foram transferidos para o terceiro andar.¹⁷

Entretanto foi proposto pela direção do museu que a reserva seria visitável, e para tornar tal proposta viável, retiraram o terminal de consulta do ambiente da reserva, que passou a funcionar no terceiro andar do edifício em uma sala de pesquisa.¹⁸ Além dessa mudança, foi realizada a reforma já citada, onde retiraram as paredes de alvenaria ao redor dos arcos, possibilitando assim a visualização da reserva internamente. (Figura 17) Outra alteração foi a retirada das laterais dos armários (Figura 18 e 19) e a substituição por vidros com o objetivo de torná-la visitável.¹⁹

A retirada da parede de alvenaria e sua substituição por vidro não foi apoiada pelo corpo técnico atuante na reserva, mas foi uma decisão da diretoria da época.²⁰

Gomes e Vieira afirmam (2013: 133) que é comum ocorrer um erro ao se traduzir o termo visitável e visível, pois a reserva visível caracteriza locais que permitem a visualização do espaço da reserva total ou parcial, sem o acesso direto ao recinto ou aos objetos. Foi esse fato que aconteceu na instituição, realizaram mudanças para tornar a reserva visitável aplicando conceitos de uma reserva visível.

Após a reforma ocorreram drásticas mudanças nas condições ambientais, aumentou a incidência solar elevando a temperatura que é prejudicial para o acervo. Foi necessário aumentar o acompanhamento dos indicadores de temperatura e umidade além da instalação de persiana ao longo dos vidros.²¹

¹⁷ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

Gomes e Vieira (2013: 66) afirmam que para ser visível tem que exibir um conjunto de exemplos que representam a coleção, utilizando equipamentos museográficos que permitam a visualização, mesmo com a existência da barreira física do vidro. Acredito que por um espaço de tempo a reserva foi visível, até a instalação de persianas.

Atualmente a reserva não é visível durante o dia, pois é sempre mantida com a utilização das persianas, sendo visível somente no período da noite, quando ocorrem eventos fechados no museu, e abrem as persianas como forma de divulgação do acervo.²²

A mudança do terminal de consulta informatizado a base de dados tornou a consulta mais complicada, pois é necessário ir em outro andar do edifício para obter informações referentes a coleção.²³

A RT do MHN pode ser considerada tradicional e um local visitável, tendo como maior parte da frequência público pesquisador (GOMES E VIEIRA, 2013: 144). Apesar dos projetos que buscaram torna-la visível, ainda é preciso superar algumas dificuldades técnicas com o objetivo de manter os padrões de conservação, sem prejudicar o acesso do público pesquisador.

Figura 16: RT 1 do lado direito e RT 2 do lado esquerdo.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

²² Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

²³ Idem.

Figura 17: Visualização do acervo a partir do exterior, com o levantamento momentâneo das persianas.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 18: Fotografia próxima ao vidro, mostrando o ambiente interno, e os armários adaptados com vidro na lateral.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 19



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

3.3 - Tipologia da coleção

A coleção possui cerca de vinte mil objetos, tendo origem entre o século XVI e XXI, dispõe de objetos em madeira, marfim, metal, vidro, couro, porcelana e gesso, óleos sobre tela e/ou madeira, joalheria, cestaria, esculturas, brinquedos, armaria e têxteis. Lima (2011: 262) afirma que um volume considerável do acervo possui peças de valor cultural e artístico inestimável.

A política de aquisição atual é através de doações. Nas reservas I e II não entra acervo em suporte de papel, sendo destinado para o arquivo.

O acervo é totalmente documentando e disponibilizado para o público através do sistema informatizado. A documentação é destacada como um ponto fundamental para a localização da peça no acervo, atualizada regularmente.²⁴

3.4 - Armazenamento das obras

O projeto original da RT foi concebido nos moldes tradicionais, acarretando na construção de um espaço sem a preocupação inicial dos conceitos de visibilidade e visitação. Logo o armazenamento é baseado nos conceitos técnicos

²⁴ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

que visam a otimização do espaço e adequação do mobiliário aos conceitos básicos de conservação e preservação do acervo.²⁵

A guarda é realizado em traineis móveis suspensos, com distância mínima do solo de 28 centímetros, utilizado para armazenar pinturas. (Figura 20) Além de diversos traineis fixos nas paredes para acondicionar placas, espelhos e telas. Mapotecas, rolos para condicionar materiais têxteis (Figura 21), diversas prateleiras, porta armas, e 140 armários. (LIMA, 2011: 265)

Todas as prateleiras e mapotecas (Figura 22) são em aço com pintura eletrostática. E todo armazenamento é realizado nessa tipologia de armários, traineis, suportes, rolos e mapotecas.²⁶

Figura 20: Trainel suspenso.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

²⁵ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

²⁶ Idem.

Figura 21: Rolos para armazenar têxteis de grande dimensão.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 22: Prateleiras e mapotecas.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

3.5 - Organização espacial e expografia

A RT é dividida em RT1 possuindo 800 m², e RT2, com 500m². A RT1 compreende o mezanino central, área para armaria, com um pequeno mezanino, e outra isolada da Pinacoteca, e uma sala de apoio. Já a RT2 abriga todo o mobiliário.

A disposição espacial na RT1 busca uma separação do acervo por tipologia de material. A distribuição ocorre em três recintos principais e dois mezaninos. A primeira parte a direita da entrada da reserva, abriga toda a armaria, nesse ambiente um pequeno mezanino é utilizado para guarda de armaria e guardados modelos navais que estão aguardando restauração. (Figura 23)

A sala de apoio fica localizada de frente a porta de acesso a reserva. A sala é destinada a higienização do acervo antes de entrar na reserva, já que o museu não possui sala de quarentena.²⁷

A esquerda da entrada principal fica localizada a maior parte do acervo, as primeiras prateleiras possuem uma utilização diferente da organização por tipologia de material, ela é destinada ao armazenamento de peças de porcelana e madeira, com proporções maiores, pois não cabem nos armários. (Figura 24). A partir desse ponto estão os armários divididos por tipologia de materiais.

No corredor oposto ao lado dos grandes arcos com vidros, ficam disponibilizados traineis fixos na parede, e alguns armários. Nessa parte do acervo possui obras diversas incluindo brinquedos. (Figura 25)

O acervo de leques é armazenado nas mapotecas, assim como os pequenos têxteis. Têxteis, bandeiras e tapetes de maiores dimensões são guardados em grandes rolos. No mezanino estão as indumentárias.²⁸

O último espaço, destinado a guarda na RT1, é a pinacoteca, que possui um trainel para pinturas. As obras da pinacoteca além de documentas e identificadas, possuem um mapeamento topográfico, com fotografias em escala, facilitando o resgate imediato da localização das obras. Os bustos que ficam armazenados na parte superior dos arcos, também possuem mapeamento topográfico.²⁹

A organização da reserva é baseada em um sistema de localização alfanumérico, cada armário possui uma numeração e cada prateleira uma letra de identificação. O sistema de localização fica disponibilizado no terminal digital, localizado na sala de pesquisa, no terceiro andar do edifício.³⁰

²⁷ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

Todos os objetos existentes na reserva possuem número de registro. Essa metodologia permite localização do objeto com maior facilidade. As prateleiras, mapoteca, traineis tem numeração alfa numérica.³¹

Dentro de cada armário é disponibilizada uma tabela com a identificação dos objetos armazenados. Esse sistema já era utilizado antes da informatização dos dados. Ainda é mantido principalmente pelo fato de facilitar a consulta por parte da equipe.

O sistema de armazenamento de indumentárias é feito em armários no mezanino principal. Cada indumentária possui uma capa protetora, com fotografia da peça, facilitando a consulta e evitando o manuseio das indumentárias. Na porta de cada armário tem uma tabela com a indicação do acervo armazenado. (Figura 26)

As técnicas e procedimentos da expografia utilizados foram aplicadas para tornar a RT em visitável, quando algumas prateleiras tiveram a lateral retirada para substituição do aço, por vidro, objetivando proporcional visibilidade para a coleção.³²

A parte interna dos arcos foi planejada para exposição do acervo, apesar de estar fechada durante o dia, quando elas estão abertas é possível visualizar a reserva.³³

Parte da coleção visualizada através dos vidros faz parte da coleção arte sacra de marfim, que é considerada mais atraente para o público, pela sua beleza estética. Também se encontra próximo aos vidros vitrines com objetos, funcionando como armazenamento e aplicando conceitos expográficos. (Figura 27)³⁴

³¹ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

Figura 23: Sala de armarias.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 24: Objetos com grandes dimensões.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 25: Traineis fixos e armários.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 26: Indumentárias identificadas com fotografias na capa protetora.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

Figura 27: Vitrines para armazenamento e exposição.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

3.6 - Conservação preventiva

A conservação preventiva é realizada pela equipe técnica. Anualmente o acervo deve passar pela conservação preventiva, ocorrendo em fases, seguindo a sequência da disposição espacial do acervo, que é realizada por tipologia do

material de origem. Sendo que todo o acervo passa pela conservação preventiva anualmente.³⁵

O controle climático das RT é realizado através de ventiladores de teto, ligados diariamente, e desumidificadores, são acionados automaticamente quando os termo-higrógrafos registram umidade e temperatura do ar acima dos níveis aconselhados. Optou-se por essa tipologia já que a instalação de controle climático utilizando o ar condicionado representava grande gasto econômico. (LIMA, 2011: 265)

A media anual da umidade ao longo do ano é mantida entre 55 a 60%, ocorrendo a monitoria diária. Apesar do alto índice de umidade, causada pela localização da reserva que possui uma parte do pavimento semi enterrado, ela não chega a atingi as coleções.

A preocupação com a umidade se justifica, pois diante de testes já realizados foi verificado que próximo ao chão a umidade pode causar danos a coleção, caso esteja em contato direto com a superfície.³⁶

A verificação dos índices é um fator fundamental na reserva, pois no dia da visita técnica o termo hidrógrafo estava marcando 74% de humidade e os desumidificadores não foram acionados automaticamente.

Em praticamente todos os armários é realizado o controle individual com termômetro e um termo hidrógrafo. O monitoramento busca a avaliação da existência de micro climas dentro do ambiente. (Figura 28)

A higienização das peças antes da entrada na reserva técnica é realizada na sala de apoio, já que nenhuma peça pode entrar diretamente para reserva sem passar por uma inspeção. Caso exista uma contaminação grave ou uma situação que impeça a entrada direta na reserva, ela é encaminhada para o Laboratório de Conservação, para análise mais aprofundada.

³⁵ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

³⁶ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

Figura 28: Vista interna da prateleira, com termômetro e higrômetro.



Autoria: Zenildo Sousa. 2016.

3.7 - Condições de acesso

O agendamento é realizado por telefone ou e-mail institucional, facultando a apresentação de carta de apresentação ou documento oficial. A recepção do MHN autoriza a entrada nas área da reserva, através da confirmação com o técnico responsável do setor, é feita a emissão de um documento de controle da entrada e saída que deve ser assinado ao final da visita.

A reserva mantém controle de visitação com o livro de registros. A entrada da RT é realizada mediante a inserção de um senha, buscando restringir a entrada somente para funcionários.³⁷

A RT do MHN recebe o público desde sua concepção, o atendimento não se limita aos pesquisadores, mas também ao público escolar, nível médio e universitários. Raramente a reserva recebe requisição de visita por parte do público que não é pesquisador ou de estudantes.³⁸

O corpo técnico demonstra a disponibilidade e prioridade em atender os pesquisadores, com um servidor para acompanhar e monitorar todo processo da

³⁷ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

³⁸ Idem.

visita. Fonseca afirma que a maior parte do tempo das atividades dos técnicos é destinada ao atendimento do público.³⁹

O grupo pesquisador predominante é constituído do público atuante nos meios de comunicação, que buscam realizar fotografias, filmagens do acervo.

O nível de acesso é definido no momento do agendamento da visita, a equipe técnica avalia a possibilidade de atender a solicitação, bem como preparar a peça para disponibilização, caso o acesso necessite manipulação do acervo.⁴⁰

O nível primário de acesso ocorre mediante justificativa e monitoramento durante todo o período da pesquisa, pois a manipulação é realizada somente pelo corpo técnico da reserva.⁴¹

3.8 - Desafios

A reforma realizada na RT1 e RT2 em 2006 com o objetivo de torná-la visitável, trouxe diversos problemas para os técnicos da reserva e para o acervo, pois a incidência solar é bastante prejudicial. Assim como a elevação da temperatura, que criou uma mudança significativa no espaço

Após um curto espaço de tempo depois da reforma foi necessário implantar persianas e protetores ultravioleta para proteger a coleção, o que levou a decisão de manter sempre fechada com persiana durante o dia, pois a sua abertura pode causar diversos problemas para o acervo.⁴²

A elevação da temperatura ainda é um desafio que tem sido enfrentado a cada dia no ambiente. Uma alternativa poderia ter sido manter a cobertura no pátio, o que causaria uma diminuição significativa da incidência solar, até mesmo a sua eliminação, o que poderia mantê-la como visível.

Fonseca considera que atualmente um dos maiores desafios também se inclui a segurança do acervo, já que devido a pequena equipe de funcionários, ficam impossibilitados de receber mais visitantes na reserva. Sendo que é preciso ocorrer a monitoria da visita durante toda permanência na reserva.

³⁹ Informação coletada durante o estudo de caso realizado dia 9 e 10 de maio em visita técnica com acompanhamento do museólogo Juarez Fonseca.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso desse trabalho foram analisados os conceitos de RT visitáveis e visíveis, e a proposta da garantia do acesso do público pesquisador a despeito da manutenção dos padrões básicos de conservação.

No MHN foi possível visualizar o conceito da reserva visível e sua tentativa mal sucedida ao desconsiderar a participação do corpo técnico atuante na reserva e a precipitação em aplicar conceitos da RT visível, buscando na verdade implantar uma RT visitável. Em parte da reserva é possível perceber que o espaço é uma reserva visível segundo o conceito de Gomes e Vieira (2013), pois o espaço é destinado a guarda e acondicionamento do acervo, mas mesmo assim permite aos visitantes a visualização interna da reserva.

Porém a problemática no local foi a implantação dos vidros na fachada sem um planejamento prévio que previsse o aumento da temperatura, bem como a incidência solar prejudicial ao acervo. Foi pensando na garantia da visualização dos visitantes, mas não consideraram os princípios de conservação.

Mas, considerando uma situação em que não fosse necessária a utilização das persianas durante todo o dia, podemos considerar que a RT possui uma parte visível. O ambiente pode ser visualizado, alguns armários que utilizam vidros nos armários, bem como bases a disposição do acervo nas vitrine, e a fácil visualização dos números de registros do acervo, possibilitando a consulta nos terminais informatizados.

O público predominante nas duas instituições é de pesquisadores, e estudantes, como constado por Ana Romão (2012) no Laboratório Chimico (MCUL), por Fernández, Jiménez e García (2012) no Veterinary Museum, Complutense University de Madrid, por Gomes e Vieira (2013) no Musée des Arts et Métiers em Paris e nas reservas visíveis do Schaulager, em Basileia, e como no caso da primeira reserva visitável apresentado por Ames (1977), no Museu de Antropologia da Universidade Britânica Columbia.

No Museu Dom João VI a predominância do público pesquisador se justifica pela tipologia do museu em uma universidade, mas inferir que essa é a uma conclusão válida é inadequado, já que o público predominante da reserva do

MHN também é composto por pesquisador e ele não se enquadra no modelo de um museu universitário.

A segurança no acervo é apontada pelas duas instituições como um desafio, devido principalmente pela equipe técnica reduzida. No caso do Museu Dom João VI, apesar das câmeras instaladas, o acesso ainda precisa ser controlado por uma campainha. Mesmo com o discurso do museu ser aberto para visitação, a falta de pessoal para atuar na recepção é o principal motivo dessa alternativa para instituição.

Thistle (1990: 211) relata que além da dificuldade com a segurança, com os visitantes na reserva, a iluminação é outra problemática a ser superada. No Museu Dom João VI, o problema foi facilmente resolvido com o acendimento da luz apenas na presença dos visitantes. No MHN a iluminação natural causou problema que foi solucionado com a implantação de persianas, mas impossibilitou a visibilidade por parte do público. Dentro da pinacoteca do MHN ela permanece constantemente com a luz apagada, sendo acessa somente durante o acesso ao recinto.

A reserva visitável segundo Thistle (1990: 210) é um local com maior potencial para danos aos objetos, mas no caso do Museu Dom João VI a instituição tem mantido o local visitável sem prejudicar o acervo. Já no MHN não foi possível manter a visibilidade devido a incidência solar excessiva.

No Museu Dom João VI foi relatado que ocorreu um estranhamento dos visitantes ao entrar no museu por dois motivos, o primeiro pela quantidade de obras expostas uma ao lado da outra, fator apontado por Thistle (1990: 209), e a falta de legenda, que ao se explicar aos visitantes que o museu é uma RT e mostra os manuais com as informações relacionadas ao acervo pode amenizar esse estranhamento inicial.

A crítica que a RT visitável inibiria pesquisas não procede no caso do Museu Dom João VI nem no MHN, pois são realizadas pesquisas diversas sobre o acervo. A possibilidade dos pesquisadores acessarem todo o acervo melhora as condições de investigação como aponta Ames (1977).

Foi possível visualizar a aplicação dos conceitos da expografia em ambas reservas, que protegem os objetos mais sensíveis, valiosos em vitrines e armários protegidos e de fácil monitoramento, como apontado por Amaral (2011). Além da decisão de manter em armários fechados peças em estado frágeis do ponto de

vista da conservação como ocorreu no *Veterinary Museum*, da Universidade Complutense de Madri. (FERNÁNDEZ, JIMÉNEZ, GARCÍA, 2012)

No Museu Dom João VI a aplicação da expografia foi pensada desde o projeto de concepção da reserva, onde foi considerada que além de uma reserva e também uma exposição, como afirma Thistle (1990: 207).

O percurso da visita ocorre pela sequencia na visitação baseada na tipologia da coleção. No caso do MHN as vitrines foram utilizadas para demonstrar parte do acervo considerada mais atrativa para o público.

A tentativa do MHN foi revelar ao público a RT, mas devido um planejamento que não levou em consideração a conservação e segurança do acervo a forma de demonstrar o acervo foi falida, atualmente sendo possível abrir as persianas somente no período da noite, quando não está presente o público predominante do museu. A reserva visível buscou permitir a visualização máxima do acervo dentro da reserva.

Por fim foi possível averiguar a possibilidade de dar acesso ao público pesquisa a reserva através dos modelos de visitável e visível, mantendo os conceitos de conservação e com a utilização de algumas alternativas para possibilitar o acesso sem prejudicar o acervo. Apesar do caso do MHN onde o modelo da reserva visível foi mal sucedido veio de encontro a nossa hipótese no trabalho, em que ressaltamos a importância dos cuidados com a conservação das coleções, que devem ser respeitadas para proteger o acervo dos danos.

A aplicação dos conceito expográficos também estão presentes nas duas instituições estudadas, logo acreditamos que este trabalho pode contribuir para a área museologia e mostrar a possibilidade da aplicação dos modelos que abrem o espaço da RT até então fechado na maioria das instituições, para acesso dos público pesquisador, e quem sabe possamos vislumbrar a abertura para toda tipologia de público como no Museu Dom João VI.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Joana Rebordão. **Gestão de acervos: proposta de abordagem para a organização de reservas**. 2011. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

AMES, Michael M. **Visible storage and public documentation**. Curator: The Museum Journal, v. 20, n. 1, p. 65-80, 1977.

BRUNO, Cristina. **Museus e Patrimônio Universal**. In: V Encontro do ICOM Brasil – Fórum dos Museus de Pernambuco, Recife, 2007, p. 6

CAMACHO, Clara. Temas de Museologia. **Plano de Conservação Preventiva**. Bases orientadoras, normas e procedimentos. Ministério da Cultura. Instituto dos Museus e da Conservação. Lisboa, 2007.

CARVALHAES, Renata da Silva. **Museu Dom João VI Uma Reserva Técnica Acessível**. 2014. 75 f. Monografia (Especialização) - Curso de Faculdade de Medicina, Especialização em Acessibilidade Cultural, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Ondas do pensamento museológico brasileiro**. 2003.

DOS SANTOS, Cláudia Penha; GRANATO, Marcus. A documentação dos acervos científicos e tecnológicos e o mast: uma história a partir das memórias. **MAST: 30 anos de pesquisa**, 2010.

DUMANS, Adolpho. Museu Historico Nacional; Rio De Janeiro. **A idéia da criação do Museu Histórico Nacional**. Grafica Olimpica, 1947.

ELVAS, Maria do Carmo Magalhães de et al. **O laboratório químico e a divulgação da química no séc. XXI**. 2011. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Tecnologia.

FERNÁNDEZ, Isabel García; JIMÉNEZ, Sonia Díaz; GARCÍA, Gabriel Martínez. **Making the museum visible: Reinventing a veterinary museum**. 2012.

FRONER, Yacy-Ara. **Tópicos em Conservação Preventiva-8**. 2008.

GOMES, Maria Fernando; VIEIRA, Eduarda. **As Reservas Visitáveis do Musée des Arts et Métiers em Paris. Estudos de Conservação e Restauro**, n. 5, 2013.

GOMES, Maria Fernando; VIEIRA, Eduarda. **As reservas visíveis do Schaulager, em Basileia**. Ge-conservación, n. 4, p. 65-77, 2013.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Estudo de caso: planejamento e métodos. Nuances: estudos sobre**, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007.

GONÇALVES, Joana Sofia Quaresma Figueiredo. **Conservação e restauro de uma Trompa em marfim: metodologia de tratamento de um material de origem animal e participação no tratamento de conservação e restauro de um Presépio com Maquineta e Trempe**. 2013. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Tomar.

HILBERRY, John; WEINBERG, Susan Kalb. **Museum collections storage**. Care of Collections, p. 173, 1981.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Portugal. Museu [Definição]. Disponível em: http://www.icomportugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx. Acesso em: 11 abril. 2016.

JAOUL, Marline. **Why reserve collections?**. Museum International, v. 47, n. 4, p. 4-7, 1995.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. **Caderno de diretrizes museológicas I**, p. 93-105, 2006.

KEENE, Suzanne; STEVENSON, Alice; MONTI, Francesca. **Collections for people: museums' stored collections as a public resource**. 2008.

KELLY, Lynda. Developing access to collections through assessing user needs. In: **Fringe Benefits: Community, Culture, Communication. Museums Australia conference, Albury**. Albury: Museums Australia. 1999.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 1, n. 1, p. 209-235, 2012.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. Museus e seus arquivos: em busca de fontes para estudar os públicos. **Hist. ciênc. saúde-Manguinhos**, v. 17, n. 3, p. 809-828, 2010.

LIMA, Vera. **Entre tramas e costuras: a conservação preventiva na coleção de têxteis do Museu Histórico Nacional**. Anais do Museu Histórico Nacional. V. XLIII. Rio de Janeiro: MHN, 2011. p.261-277.

LORD, Barry (Ed.). **The manual of museum learning**. Rowman Altamira, 2007.

MIRABILE, Antonio. A reserva técnica também é museu. **Boletim Eletrônico da ABRACOR**, n. 1, p. 1-6, 2010.

MALTA, Marize. **Da exibição à inspiração: o projeto de revisão museográfica do museu da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de**

Janeiro. 2012.

PORTUGAL. Lei nº 47, de 19 de agosto de 2004. **Lei Quadro dos Museus Portugueses.** Portugal.

PEREIRA, Mariana. **O papel social do museu etnográfico.** Series Iberoamericanas de Museología, Porto, v. 4, n. , p.73-85, 2012.

PEREIRA, Sonia Gomes. **O Novo Museu Dom João VI.** Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2011. 56 p.

PEREIRA, Sonia Gomes; VI, Museu Dom João; Rio de Janeiro. **O novo museu D. João VI. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes,** 2008.

PEREIRA, Sonia Gomes . Reserva Técnica Viva. Museália, Brasília, p. 53 - 57, 01 dez. 2010.

REIS, Daniel. **A janela, o museu e a imaginação. Espaços e exposições no Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora.** Rev. Museologia e Patrimônio, v. 6, n. 1, p. 135-150, 2013.

ROMÃO, Ana. **A reserva visitável do Laboratorio Chimico (MCUL): Uma realidade em evolução.** 2012.

RICHOUX, Jeanette A.; SEROTA-BRADEN, Jill; DEMYTTENAERE, Nancy. A policy for collections access. **Care of Collections**, p. 199, 1980.

SLATER, Dennis. Visible storage: the Glenbow experiment. **Museum International**, v. 47, n. 4, p. 13-17, 1995.

SUANO, Marlene. **O que é museu.** Brasiliense, 1986.

THISTLE, Paul C. **Visible storage for the small museum.** Curator: The Museum Journal, v. 33, n. 1, p. 49-62, 1990.